

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

ROSELANDIA MARIA SERRA VERDE COELHO ROCHA

**UM OLHAR SOBRE O INDIGENA IDOSO PATAXÓ: RESERVA INDÍGENA DE
COROA VERMELHA**

São Leopoldo

2011

ROSELANDIA MARIA SERRA VERDE COELHO ROCHA

UM OLHAR SOBRE O INDIGENA IDOSO PATAXÓ: RESERVA INDÍGENA DE
COROA VERMELHA

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de Pesquisa: Práticas Sociais

Orientador: Prof. Dr. Carlos Gilberto Bock

São Leopoldo
2011

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

R672o Rocha, Roselandia Maria Serra Verde Coelho

Um olhar sobre o indígena idoso Pataxó: reserva indígena de Coroa Vermelha / Roselandia Maria Serra Verde Coelho Rocha ; orientador Carlos Gilberto Bock.

– São Leopoldo : EST/PPG, 2011.

74 f.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2011.

1. Idosos – Condições sociais. 2. Idosos – Estatuto legal, leis, etc. – Brasil. 3. Idosos – Política governamental – Brasil. 4. Envelhecimento. 5. Índios da América do Sul – Brasil – Uso e costumes. 6. Índios da América do Sul – Brasil – Política governamental. I.

Bock, Caarlos Gilberto. II. Título.

ANINHA E SUAS PEDRAS

Não te deixes destruir...
Ajuntando novas pedras
e construindo novos poemas,
Recria tua vida, sempre, sempre.
Remove pedras e planta roseiras e faz doces.
Recomeça.
Faz de tua vida mesquinha
um poema.
E viverás no coração dos jovens
e na memória das gerações que hão de vir.
Esta fonte é para uso de todos os sedentos.
Toma a tua parte.
Vem a estas páginas
e não entres seu uso
aos que têm sede.

Cora Coralina (Outubro, 1981)

AGRADECIMENTO

Agradeço a **Deus** pela luz e permanente cuidado sem o qual nada aconteceria, nem teria razão de ser; ao meu esposo Carlos Roberto e filhos Beto, Larissa e Paulinho pela compreensão, amizade e incentivo permanentes.

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a três mulheres magníficas, inteligentes e sábias: minha mãe, Madalena Nascimento Rocha, Cleusa Rocha de Lira Eloy (cunhada) e Larissa Paula Rocha da Silva (filha).

Ao meu eterno amor, meu filho Carlos Roberto Rocha da Silva Júnior (In memoriam).

RESUMO

A população da Terra está envelhecendo. É preciso que as novas gerações aprendam a conviver com o idoso, reconhecendo a sua importância na transmissão de valores e enriquecimento cultural. Este trabalho é uma tentativa de traçar o perfil do idoso, sua forma de ser e estar, considerando vários pontos de vista já existentes na literatura, objetivando contribuir com a valorização do papel do idoso e melhorar o relacionamento deste com as gerações mais novas, especialmente, considerando a experiência dos idosos indígenas Pataxó.

Foram destacados os enfoques históricos, psicológicos, fisiológicos, socioeconômicos, culturais e legais que abordam as condições de vida do idoso indígena, na relação com as políticas públicas de amparo e proteção ao idoso brasileiro. O texto tem por base a bibliografia especializada, bem como anotações e observações a partir de visitas à Reserva Indígena de Coroa Vermelha.

Palavras-chave: Idoso. Ciclo de vida. Senectude. Senilidade. Estatuto e Políticas Públicas.

ABSTRACT

The Earth population is getting older. It's need that the new generation learns how to live together with elderly, recognizing its importance in value transmission and culture enrichment. The present work attempts to delineate elderly outline, its way of life and being, taking into consideration different points of view in previous scientific works, in order to contribute with importance of elderly role in society and improve its relationship with the new generations, especially considering the experiences of older indigenous Pataxó. It approaches historical, psychological, physiological, socio-economic, cultural and legal aspects that address indigenous elderly life conditions in relation to public policies of support and protection to the Brazilian elderly. The text is based on specialized bibliography, as well as notes and comments observed when Coroa Vermelha indigenous reserve has being visited.

Key Words: Elderly. Life cycle. Senectude. Senility. Regulations and Public Policies.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 QUEM É O IDOSO?	13
1.1 O idoso na história	14
1.2 O idoso - protagonista dos últimos ciclos da vida.....	15
1.3 Velhice - uma realidade culturalmente construída	18
1.3.1 Envelhecimento, Ciência e Tecnologia	19
1.3.2 A aposentadoria	20
1.3.3 Os asilos de velhos	21
1.4 O idoso: aspectos psicológicos.....	22
1.5 Aspectos fisiológicos	23
1.6 Aspectos socioeconômicos	25
2 POLÍTICAS DE PROTEÇÃO AOS IDOSOS BRASILEIROS	29
2.1 O Estatuto do Idoso	32
2.2 A saúde do idoso no contexto brasileiro	35
2.3 Efetivação das políticas públicas no Brasil.....	38
2.3.1 O papel da família e a importância das relações interpessoais.....	40
2.3.2 Uma cartilha para o idoso	42

2.3.3 Instrumentos de acompanhamento e controle	44
2.3.4 Papel do idoso na participação e defesa de seus direitos	44
3 OS ÍNDIOS PATAXÓ.....	45
3.1 Quem são os índios	45
3.2 Como vivem os Pataxó.....	48
3.3 A reserva indígena Pataxó de Coroa Vermelha	52
3.4 Políticas sociais de proteção ao idoso indígena	55
3.5 O idoso Pataxó na Reserva de Coroa Vermelha	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS	66
ANEXOS	73
ANEXO A - FICHA-ROTEIRO DE VISITAÇÃO À RESERVA PATAXÓ DE COROA VERMELHA	73
ANEXO B - FICHA-ROTEIRO DE VISITA AOS PATAXÓ IDOSOS.....	74

INTRODUÇÃO

Há meio século, a expectativa de vida era de 43 anos de idade e, em 2010, chegou aos 73 anos. Para 2025 projeta-se que o Brasil terá cerca de 32 milhões de pessoas com mais de 60 anos, o que perfaz a sexta população mais idosa do planeta são dados do IBGE.¹

As instituições de ensino público e particular, incluindo as faculdades e universidades, além das escolas geradoras da aprendizagem (infantil, fundamental, ensino médio e profissionalizante), centraram seus esforços educacionais e pedagógicos na instrução do conhecimento, do ensino e domínio das disciplinas de português, matemática, história, geografia, biologia, química, línguas e muitas outras, essencialmente do conhecimento científico, didático, pedagógico e profissional. Entretanto, há uma evidente falha em não inserir ensinamentos que norteiem a convivência, o relacionamento entre as pessoas das mais diversas gerações e etnias, no sentido de diminuir conflitos e estabelecer relações recíprocas de respeito e trocas de experiências. Muitas vezes, a figura do idoso está ausente nos centros de convívio. Nesse cenário, a figura do idoso indígena é ainda mais invisibilizada.

Deve-se muito aos povos indígenas e é preciso resgatar um pouco do que lhes foi tirado. A questão é como fazer isso respeitando os aspectos etnográfico, cultural e histórico? Certamente, não é buscando devolvê-los a um isolamento que nunca conheceram, pois cada povo indígena manteve contato com muitos povos ao longo da história, seja através de trocas amistosas, seja de forma bélica.

Por outro lado, o desenvolvimento da tecnologia, ao longo dos anos, não tem sido fácil para a sobrevivência dos povos indígenas. Os aldeamentos e esforços de integração à população nacional, com o reforço de legislações específicas e gerais, têm conseguido apenas excluí-los de forma mais exacerbada.

¹IBGE: População de **idosos** deve chegar a **32 milhões** até **2025** no ... 30 jul. 2009 ... <http://www.sindifarmajp.com.br/noticias>. Acesso em 22/06/2010

Parte-se da premissa de que a construção individual e social do ser humano² com o tempo, com o mundo e com a própria história e as variações culturais e do contexto social são e devem ser valorizadas na arte do envelhecimento.

No presente estudo, temos como foco as pessoas idosas com idade igual ou superior a 60 anos, segundo a classificação do Estatuto do Idoso, e que vivem na tribo Pataxó, em Coroa Vermelha. A etnia Pataxó pertence ao povo de língua da família Maxacali, do tronco Macro-Jê. A tribo ficou tragicamente conhecida após o assassinato do índio Galdino, em 1997 por jovens brasileiros. Ele fora a Brasília, como líder Pataxó, levar as reivindicações de seu povo e foi queimado, enquanto dormia em uma parada de ônibus no Plano Piloto.

Primeiramente, será feita uma abordagem para verificar como ocorre o processo de envelhecimento em uma reserva indígena e se existem particularidades que possam distingui-los. Secundariamente, pretende-se avaliar se as políticas públicas têm promovido melhoria na qualidade de vida dessas pessoas idosas, usando como referencial o Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003), considerando que a lei se estende a todos os brasileiros, não indígenas e indígenas.

Buscar-se-á fazer uma análise do cenário quanto à preservação da dignidade do idoso, respeito aos seus valores étnicos, religiosos e culturais e o fomento ao exercício da cidadania nos moldes estabelecidos pelo Estatuto do Idoso, bem como a relação do enfrentamento legal X estatal de atendimento das necessidades e prioridades ao idoso indígena Pataxó, através da política de atendimento promovida pela FUNAI.

Far-se-á uma revisão da literatura no sentido de lançar um olhar aos idosos, comparando-os a outras fases da vida, atentando para os critérios que têm sido usados para definir quem é o idoso: suas características do ponto de vista histórico, fisiológico, sociológico, psicológico e étnico; sua situação no mercado de trabalho; as implicações tecnológicas no processo de envelhecimento; as condições do idoso brasileiro; as políticas nacionais voltadas para o idoso brasileiro; a realidade e o

² RedeTV! Em rede com você | Índio **Galdino: morte** do líder indígena ... 27 maio 2010 ... Índio **Galdino: morte** do líder indígena não foi em vão – Parte <http://www.redetv.com/video.aspx?138,54,111625> Acesso em 20/06/2010.

perfil dos indígenas Pataxó e dos idosos Pataxó: como vivem, como são vistos, quais são seus direitos legais e vivenciados.

Pretende-se reunir as reflexões realizadas por estudiosos já reconhecidos, acrescidas de algumas considerações julgadas interessantes de autores ainda não tão conhecidos, bem como informações resultantes de observação assistemática em conversas informais, coleta de depoimentos, entrevistas participadas, história oral temática, tendo como referencial os moradores idosos mais antigos da reserva indígena de Coroa Vermelha.³

Espera-se obter respostas para questionamentos tais como: quais as relações interpessoais nas comunidades indígenas com os seus idosos? Existe algum diferencial em relação à nossa sociedade urbanizada? As políticas públicas conseguem integrar pessoas idosas indígenas em suas comunidades? O Estatuto do Idoso assegura efetivamente mudanças de relações, protegendo e beneficiando a pessoa idosa no âmbito das reservas indígenas? Em que medida essas relações são respeitadas pelos indígenas e não indígenas dentro da reserva? Quais ações podem ser propostas para a melhoria na condição de envelhecimento do indígena Pataxó no cenário da reserva de Coroa Vermelha?

Todo esforço será feito no sentido de oferecer dados que despertem o interesse de pesquisadores experientes e credenciados para estudarem as condições do idoso, contribuindo, desse modo, para novas abordagens, já que o mundo está envelhecendo e os idosos serão a maioria dos protagonistas no futuro, bem próximo dos adultos e jovens de hoje, indígenas e não indígenas.

³As informações foram colhidas na aldeia de Coroa vermelha, conversando com o vice cacique e demais índios presentes, seguindo roteiro previamente elaborado.

1 QUEM É O IDOSO?

Tão velho estou como árvore no inverno,
 Vulcão sufocado, pássaro sonolento.
 Tão velho estou, de pálpebras baixas,
 acostumado apenas ao som das músicas,
 à forma das letras.⁴

O envelhecimento sempre despertou o interesse de teólogos, filósofos, cientistas, pessoas comuns, que, através de reflexões, leituras e/ou pesquisas, buscaram traçar um perfil da velhice, considerando um conjunto de características que diferenciariam, criteriosamente, o jovem, o adulto e o idoso.

Nessa variedade de abordagens, entretanto, há algo em comum, a concordância de que, ao chegar à velhice e, conseqüentemente, ao final da vida, segundo destaca Lima, a maioria das pessoas passa por transformações profundas, em etapas sucessivas levando-as à convivência com a solidão, o abandono, a doença e a morte.⁵

Parece ser unânime o reconhecimento da dificuldade em descrever essas etapas e caracterizar o processo de envelhecimento, pois o mesmo pode acontecer de forma diferenciada de indivíduo para indivíduo, seja em contextos sociais e históricos iguais ou diferentes entre si.

Do ponto de vista legal, também existe divergência quanto à definição de idoso. O advogado Flávio C. Caetano *apud* Porto⁶ diz que a idade a partir da qual uma pessoa seria considerada idosa no Brasil não coincide em, pelo menos, três documentos oficiais. A Constituição Federal estabelece o limite de 65 anos, enquanto que para a Política Nacional do Idoso esse limite é de 60 anos e o Código Penal definiu como 70 anos.

Mesmo considerando esta variedade de conceitos e de definições sobre os idosos e a velhice, escolhendo alguns critérios, é possível tentar delinear as suas

⁴MEIRELES, Cecília. **A velhice pede desculpas**. In: *Poemas*, 1958.

⁵LIMA M.Sc.Maria Auxiliadora V. P. Corporeidade e envelhecimento. **As diversas faces do corpo quando envelhece**. [http:// www.univag.com.br/adm_univag/Modulos/.../art046.pdf](http://www.univag.com.br/adm_univag/Modulos/.../art046.pdf). Acesso em 23/05/2010.

⁶PORTO, Mayla. **A Política Nacional do Idoso**: um Brasil para todas as idades. Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/envelhecimento/texto/creditos.htm>. Acesso em 28/09/2010.

características de um modo geral e como os mesmos são construídos dentro de um contexto sócio-temporal.

1.1 O idoso na história

Seguindo uma linha do tempo histórico, Beauvoir⁷, Meirelles⁸, Lima⁹ abordam o que diversos filósofos e poetas pensaram e disseram sobre a velhice. Há referência ao filósofo e poeta egípcio Ptah-Hotep que reclamava do envelhecimento, dizendo ser a pior desgraça de toda uma vida, por ser um processo no qual, a cada dia, o homem vai perdendo suas forças; as suas capacidades sensoriais vão se esvaindo; “o ouvido se tornando surdo, a força declinando, o corpo não mais encontrando repouso, a boca se tornando silenciosa e já não falando”, assim registra Lima.¹⁰

Na Antiguidade, Platão via a velhice como o apogeu de uma vida; Homero a associava à sabedoria; Sócrates apregoava que, para indivíduos prudentes e bem preparados, a velhice não seria peso algum. Aristóteles a via como a decadência de um homem.

Platão a via como o apogeu, por centrar-se na sabedoria do espírito. Na velhice, os prazeres espirituais vão sobrepujando os meramente corporais, afirma Cícero, o grande filósofo romano.

O mundo romano, seguindo a lição platônica, valoriza-se o idoso e dá-se espaço ao velho. O Senado romano era constituído por homens idosos. O poder do *pater familias* era reconhecido e ilimitado.

⁷BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. 2. ed. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1990. Tradução de: La vieillesse.Paris. Gallimard, 1990, 711 p.

⁸MEIRELLES, Morgana. **Atividade Física na 3ª Idade**. Rio de Janeiro: Sprint, 2000.

⁹LIMA, M. Sc. Maria Auxiliadora V. P. **Corporeidade e envelhecimento**. As diversas faces do corpo quando envelhece, 2008.

http://www.univag.com.br/adm_univag/Modulos/Connectionline/Downloads/art046.pdf. Acesso em 23/05/2010.

¹⁰LIMA, Maria A. V. P. **Corporeidade e Envelhecimento**: As diversas faces do corpo quando envelhece. 2008. p. 2.

Segundo Beauvoir¹¹, a invasão dos bárbaros e o triunfo do cristianismo marcaram o final da Antiguidade Clássica, mas não houve mudanças no modo de perceber o idoso.

Na Idade Média, o pensamento da Igreja, a respeito do idoso, está refletido nas palavras de Santo Isidoro de Sevilha, e não mostra um quadro agradável: “os velhos não têm mais tanto bom-senso como outrora e caducam na sua velhice”.¹²

No final da Idade Média e início do Renascimento, a velhice continua associada à decadência e, o corpo humano, começa a ser visto como uma máquina, que não resiste aos estragos do tempo. Só na Idade Moderna, com o advento da burguesia, o idoso ganha importância pelo que tem, pelos bens que possui.¹³

Na atualidade, em uma sociedade que clama por inclusão, a velhice continua a viver sua dicotomia, por vezes exaltada, como na visão platônica, ou arrasada, a exemplo da visão aristotélica. Em qualquer situação, tem que se considerar que cada indivíduo é um ser único indivisível e, dentro de sua totalidade, tem características especiais.

1.2 O idoso - protagonista de um dos últimos ciclos da vida

Thiago de Almeida, apud Regina Simões¹⁴ e Sandra Matsudo¹⁵, afirma que o envelhecimento é um processo biológico manifestado em todos os níveis de integração do organismo, envolvendo fatores morfológicos, psicológicos, hereditários, culturais, intelectuais, raciais e outros que fazem ser a velhice uma fase irreversível, cheia de transformações.

¹¹BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. Tradução de: *La vieillesse*. Paris: Gallimard, 1990, 711p.

¹²LIMA, Maria A. V. P. **Corporeidade e Envelhecimento**: As diversas faces do corpo quando envelhece. 2008. p. 3.

¹³LIMA, Maria A. V. P. **Corporeidade e Envelhecimento**: As diversas faces do corpo quando envelhece. 2008.

¹⁴SIMÕES, R. **Corporeidade e terceira idade: a marginalização do corpo idoso**. 1998. 128p. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba.

¹⁵MATSUDO, S. M. M. **Envelhecimento e atividade física**. Londrina, Midiograf, 2001.

A Organização Mundial da Saúde classifica o envelhecimento em quatro estágios: considera a meia idade de 45 a 59 anos, o idoso de 60 a 74 anos, o ancião de 75 a 90 anos e a velhice extrema de 90 anos em diante.

Thiago de Almeida¹⁶ afirma que a existência humana pode ser estudada como "ciclos de vidas": infância, adolescência, maturidade e velhice. Debert¹⁷ defende a idéia de "curso da vida" como processo gradual que considera aspectos históricos, sociais e individuais para a compreensão dos períodos da vida, numa visão mais complexa e elaborada.

(...) uma tendência que divide o estudo do desenvolvimento humano em estágios descontínuos para um firme reconhecimento de que precisa ser analisado dinamicamente, como consequência das experiências passadas e das expectativas futuras, e de uma integração entre os limites do contexto social e cultural correspondentes.¹⁸

Sob esse ponto de vista, o ciclo de vida visto em fases consecutivas trará diferenças conforme cada sociedade e cada contexto histórico, sejam eles tradicionais, modernos, contemporâneos e vindouros.

Ariès¹⁹, ao falar dos ciclos de vida, exemplifica com a idéia da inexistência de separações evidentes de grupos etários nas sociedades tradicionais, tais como são entendidas hoje. Relata, então, que na França medieval as crianças participavam integralmente do mundo dos adultos, assumindo, muitas vezes e de forma precoce, atividades laborais assim que houvesse possibilidades físicas para tal. As roupas, os jogos, brincadeiras e outras atividades eram critérios para distinguir a criança do adulto.

A "adolescência" teria sido inventada durante o Século XIX nas sociedades ocidentais, como uma etapa necessária aos seres humanos na aprendizagem do enfrentamento às questões que surgiam na vida adulta, referentes ao corpo biológico, ao mundo mental, às regras de convivência, ao consumo, ao trabalho, dentre outras.

¹⁶ALMEIDA, Thiago. **Amor e Sexo após os 60 anos: Utopia ou Realidade**. 2002. <http://www.thiagodealmeida.com.br> <http://www.webartigos.com/articles/7187/1/>. Acesso em 10/06/2010.

¹⁷DEBERT, Guita G. **A reinvenção da velhice**. São Paulo: Edusp, 1999.

¹⁸BASSIT, Ana Zahira. **O curso de vida como perspectiva de análise do envelhecimento na pós-modernidade**. In: DEBERT, Guita Grin; GOLDSTEIN, D. *Políticas do corpo e o curso da vida*. São Paulo: Mandarim, 2000, p. 217-234.

¹⁹ARIÈS, Phillippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1978.

O fenômeno do envelhecimento populacional, marcante no Século XX, adiou a velhice para idades cada vez mais avançadas. Os idosos passaram a ser vistos como vítimas da marginalização e da solidão propiciando, a partir da década de 1970, dentre outros elementos, a constituição de um conjunto de práticas, instituições e agentes especializados voltados para a definição e o atendimento das necessidades dessa população.²⁰

Depreende-se que a partir de uma forma de vida em que a idade cronológica tinha menor relevância que, por exemplo, o *status* familiar, passa-se para uma outra, em que a idade corresponde a uma dimensão fundamental na sociedade. Fenômeno resultante foram as mudanças oriundas da passagem de uma economia feudal, de base agrária e doméstica, para o capitalismo, centrado no mercado de trabalho.

Essas mudanças também decorreram em função do processo de deslocamento de questões do domínio familiar e privado para a esfera pública, passando o Estado Moderno a regular o curso da vida por meio de determinações de idades cronológicas com vistas à escolarização, participação no mercado de trabalho e aposentadoria.

Groisman²¹ apresenta uma crítica à idéia de que nas sociedades pré-modernas os idosos gozavam de prestígio e eram respeitados pelos demais em sua autoridade e sabedoria: uma "idade de ouro da velhice" ou uma "gerontocracia" derivada da posição de patriarcas em extensas famílias, onde os velhos detinham conhecimento e poder.

A industrialização traria o afastamento dos velhos do mundo produtivo, a urbanização resultaria na redução do tamanho da família esgotando o poder patriarcal do idoso, cujo saber não seria mais adequado às necessidades dos jovens escolarizados.

Para Groisman (2002)²² e Debert (1999)²³ a tese da idade de ouro é frágil, pelo fato de que em culturas contemporâneas, como o Japão, a modernização não

²⁰LIMA, M. Sc. Maria Auxiliadora V. P. **Corporeidade e envelhecimento**. As diversas faces do corpo quando envelhece. 2008. Disponível em: http://www.univag.com.br/adm_univag/Modulos/Connectionline/Downloads/art046.pdf. Acesso em 23/05/2010.

²¹GROISMAN, D. **Velhice e história: perspectivas teóricas**. CADERNOS DO IPUB, V.1, Nº 10, p. 43-56.

²²GROISMAN, Daniel. **A velhice, entre o normal e o patológico**. História, Ciências, Saúde. Manguinhos, Rio de Janeiro, vol. 9 (1):61-78, jan. abr. 2002.

²³DEBERT, Guita G. **A reinvenção da velhice**. São Paulo: Edusp, 1999.

resultou, necessariamente, em declínio de *status* para os mais velhos. Tampouco, a marginalização e a solidão parecem se constituir no destino inexorável de todos os velhos. Há um consenso na literatura mais atual no sentido de que a homogeneidade nunca teria sido a característica da velhice: "(...) velhos sempre foram ricos e pobres, venerados ou denegridos e tratados tanto de forma dura quanto generosa pelas famílias e comunidades, não havendo necessariamente um padrão para isso".²⁴

1.3 Velhice - uma realidade culturalmente construída

Groisman busca evitar estereótipos e desenvolve a história da velhice a partir da perspectiva que Sfez denomina "curso de vida moderno"²⁵, ou seja, uma vez considerados os processos econômicos, culturais e burocráticos em sua participação nas diferenciações das idades, a velhice passa a ser entendida como "uma etapa (...) que ganhou contornos próprios em um dado momento histórico, no processo de construção do curso de vida moderno".

O final do Século XIX e início do Século XX acarretam mudanças marcantes para a velhice, pois três fatores interferiram em sua história: o saber geriátrico/gerontológico, a aposentadoria e os asilos de velhos.²⁶

No início do Século XX, Nasher apud Simões²⁷ introduziu o termo "geriatria" na tentativa de promover o "desenvolvimento de uma base clínica que identificasse de forma separada esta etapa do curso da vida".²⁸ A velhice passou para o domínio científico da medicina, tornando-se objeto de estudos e cuidados especializados.

A produção científica sobre a velhice ganhou espaço, os idosos passaram a ser percebidos por políticos, legisladores, mercado de consumo, alcançando um lugar de destaque nas políticas sociais. Espalha-se, mundo afora, a idéia da terceira

²⁴GROISMAN, D. **A velhice, entre o normal e o patológico. História, Ciências, Saúde.** Manguinhos, Rio de Janeiro, vol. 9 (1):61-78, jan. abr. 2002. p. 51.

²⁵SFEZ, Lucien. **A saúde perfeita: crítica de uma nova utopia.** SÃO PAULO: Loyola, 1996.

²⁶GROISMAN, Daniel. **A velhice, entre o normal e o patológico. História, Ciências, Saúde.** Manguinhos, Rio de Janeiro, vol. 9 (1):61-78, jan. abr. 2002. p. 51.

²⁷SIMOES, Regina. **Corporeidade e terceira idade: a marginalização do corpo idoso.** 1998. 128p. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba.

²⁸GROISMAN, Daniel. jan./ abr. 2002. p. 51.

idade (Barros)²⁹ e brotam os centros de convivência para pessoas idosas, clínicas de rejuvenescimento, espaços específicos adaptados às limitações da idade.

1.3.1 Envelhecimento, Ciência e Tecnologia

Featherstone e Hepworth³⁰ discutem o papel da ciência e da tecnologia, que parecem estar a serviço de uma sociedade que reafirma desejos imemoriais de viver na juventude e de afastamento à degeneração física e à morte.

Surgem dois pontos de vista: um que apóia a busca do retardar, a qualquer custo, os sinais do processo de envelhecimento; outro considera que os limites do corpo devem ser respeitados e entende que investimentos na preservação da vida de forma mais sintonizada com a natureza possibilitarão realizações para a humanidade. Featherstone e Hepworth³¹ criticam a primeira visão e defendem a incorporação da tecnologia, da cultura, do *self*³² como elevação da auto-estima, do corpo e da natureza na concepção de curso da vida, considerando o crescimento das tecnologias de informação estratégicas e definidoras de outros campos tecnológicos.

No que se refere à comunicação, o desenvolvimento da realidade virtual possibilitará a construção de novas formas de contato social, independentes da presença física. Também o acesso a informações particularmente sobre o corpo possibilitará um automonitoramento do corpo e do processo de envelhecimento.

Quanto às tecnologias de intervenção no corpo biológico, a cirurgia plástica, os transplantes e implantes, as clonagens e as interconexões com máquinas trarão transformações corporais de grande repercussão sobre os limites do corpo, os *selves*, o tempo de vida, a vida e a morte.

²⁹BARROS, Myriam Lins de. **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 69-84.

³⁰FEATHERSTONE, M. e HEPWORTH Leibing In: DOURADO, Annette e Márcia. **Velhice e suas representações: implicações para uma intervenção psicanalítica.** Disponível em: <http://www.revispsi.uerj.br/v2n2/artigos/artigo4.html>. Acesso em 07/2010.

³¹FEATHERSTONE, M. e HEPWORTH, Leibing. In: DOURADO, Annette e Márcia.

³²Para Jung, o principal arquétipo é o Si-mesmo (ou Self). O Si-mesmo é o centro de toda a personalidade. Dele emana todo o potencial energético de que a psique dispõe. É o ordenador dos processos psíquicos. Integra e equilibra todos os aspectos do inconsciente, devendo proporcionar, em situações normais, unidade e estabilidade à personalidade humana. A dinâmica desse processo é o instinto, que vigia para que tudo o que pertence a uma vida individual figure ali, exatamente, com ou sem a concordância do sujeito, quer tenha consciência do que acontece, quer não. Carl Gustav Jung **Jung: vida e obra,** http://pt.wikipedia.org/wiki/Carl_Gustav_Jung. Acesso em 07/07/2010.

A medicina, a engenharia, a informática e a genética crescem vigorosamente constituindo um mundo de inovações para o corpo. Evidentemente, esse processo não se dá sem percalços, mas parece hegemônico na atualidade. A que preço esse caminho será percorrido? Que conseqüências poderiam trazer à velhice? Não há como responder com precisão. Mas, certamente, é um caminho em que as velhices serão muito diferentes destas conhecidas de agora.³³

1.3.2 A aposentadoria

O surgimento das aposentadorias, em meados do Século XIX, determinou a idade como critério de afastamento da produção baseada na força física.

Na sociedade atual, capitalista e ocidental, qualquer valoração fundamenta-se na idéia básica de produtividade, inerente ao próprio capitalismo. Com base nas concepções de Prado³⁴ e Barros³⁵, não tendo mais a possibilidade de produção de riqueza, a velhice perderia o seu valor simbólico.

A aposentadoria muitas vezes gera uma ruptura com o passado. A pessoa deve ajustar-se a uma nova condição que lhe traz certas vantagens, como o descanso e o lazer, mas também implica em graves desvantagens como a desvalorização e a desqualificação.

O trabalho é que permite o ato de existir enquanto cidadão e auxilia na questão de se traçar redes de relações que servem de referência, determinando, portanto, o lugar social e familiar.³⁶

No início, a maioria dos idosos se sente satisfeita, pois lhe parece ser muito bom poder descansar. Mas, aos poucos, descobre que sua vida tornou-se tristemente inútil. Percebendo que ninguém necessita dele por estar isolado,

³³GROISMAN, D. **A velhice, entre o normal e o patológico**. História, Ciências, Saúde. Manguinhos, Rio de Janeiro, vol. 9 (1):61-78, jan. abr. 2002.

³⁴PRADO, Shirley Donizete; TAVARES, Elda Lima. Alimentação saudável na terceira idade. In: ASSUERO, Luiz Saldanha; CALDAS, Célia Pereira (Org.). **Saúde do idoso: a arte de cuidar**. 2 ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2004. p. 88-95.

³⁵BARROS, Myriam Lins de. **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 69-84.

³⁶PRADO, Shirley Donizete; TAVARES, Elda Lima. Alimentação saudável na terceira idade. In: ASSUERO, Luiz Saldanha; CALDAS, Célia Pereira. (Org.). **Saúde do idoso: a arte de cuidar**. 2. ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2004. p. 88-95.

recusado e excluído da sociedade, ele se sente cada vez mais angustiado, tornando difícil sua adequação ao mundo, no qual vive numa presença invisível.³⁷

Aliado a esses fatores da aposentadoria, o idoso também enfrenta uma queda do nível de renda que, por sua vez, afeta a qualidade de vida, a saúde e o convívio com os seus contemporâneos e familiares.

1.3.3 Os asilos de velhos

A terceira tecnologia de diferenciação refere-se aos asilos de velhos. Peixoto³⁸ menciona a definição espacial específica para os velhos separados dos mendigos nas instituições públicas francesas do final do Século XIX.

No Brasil, o Estatuto do Idoso regulamenta o funcionamento dessas instituições, exigindo que estas ofereçam às pessoas idosas assistência integral. Na 'Cartilha de Orientação' sobre os direitos das pessoas idosas, há diretrizes que devem ser observadas pelas casas asilares.

O dirigente de entidade asilar será responsável por qualquer irregularidade apurada no atendimento aos idosos e deverá cuidar para que lhes sejam oferecidos: vestuário e alimentação suficientes; acomodações apropriadas para visitas; cuidados médicos, psicológicos, odontológicos e farmacêuticos; atividades educacionais, esportivas, culturais e de lazer; assistência religiosa, dentre outras.

Assim, pela constituição da gerontologia e da geriatria, das aposentadorias e dos asilos para idosos, novas imagens são atribuídas à velhice. O papel social dos idosos é um fator importante no significado do envelhecimento, pois o mesmo depende da forma de vida que as pessoas tenham levado, como das condições atuais em que se encontram.

1.4 O idoso: aspectos psicológicos

³⁷DEBERT, Guíta G. **A reinvenção da velhice**. São Paulo: Edusp, 1999.

³⁸PEIXOTO, Clarice (1988). *Entre o Estigma e a compaixão*. Campinas, SP: **Editora Alínea**, 2006. 23 p.

Semelhanças significativas entrecortam as concepções de Pikunas³⁹ e Merval Rosa apud Groisman⁴⁰ quanto à característica principal da velhice ser o declínio, geralmente físico, que leva às alterações sociais e psicológicas. Os teóricos classificam tal declínio de duas maneiras: a senescência e a senilidade.

A primeira é um fenômeno fisiológico e universal, arbitrariamente identificada pela idade cronológica, podendo ser considerada um envelhecimento sadio, onde o declínio físico e mental é lento. A segunda é marcada pelo declínio físico associado à desorganização mental.

Segundo a biofísica molecular há comprovação de que, por volta dos sessenta anos, os neurônios são atingidos e, como são as fontes dos acúmulos das informações adquiridas ao longo dos anos juntamente com os neurotransmissores, é esperado que haja certo declínio associado a este fator, conforme destaca Merval Rosa apud Groisman.⁴¹ Isso acarretaria diminuição na capacidade de aprender dos idosos.

O excesso de preocupação, a ansiedade e a sensibilidade ao perigo podem inibir o idoso, proporcionando um retraimento das atividades desafiadoras. Com o passar da idade, a inteligência pode ou não sofrer um decréscimo, diferindo da memória, cujo declínio é inevitável. Embora isto possa acontecer, alguns autores, como Gooldfarb apud Lima⁴² e Simões⁴³, afirmam que a vontade de aprender é suficiente para que o aprendizado ocorra da mesma maneira para um adolescente de 12 anos e para um senhor de 80 anos.

Haveria diferenciação nas limitações causadas pelo envelhecimento e nas estratégias diferenciadas de abordagem do processo de ensino aprendizagem. Outras características decorrentes do envelhecimento podem ser a agressividade, a amargura, as deficiências dos sentidos e das funções motoras.

³⁹PIKUNAS, J. **Desenvolvimento humano: uma ciência emergente**. São Paulo, 1979.

⁴⁰GROISMAN, Daniel. **A velhice, entre o normal e o patológico**. História, Ciências, Saúde. Manguinhos, Rio de Janeiro, vol. 9 (1):61-78, jan. abr. 2002.

⁴¹GROISMAN, Daniel. **A velhice, entre o normal e o patológico**. História, Ciências, Saúde. Manguinhos, Rio de Janeiro, vol. 9 (1):61-78, jan. abr. 2002.

⁴²LIMA, Maria A. V. P. **Corporeidade e Envelhecimento**: As diversas faces do corpo quando envelhece. 2008.

⁴³SIMÕES, R. **Corporeidade e terceira idade: a marginalização do corpo idoso**. 1998. 128p. Dissertação (Mestrado)-Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba.

Elena Isabel González Ruiz⁴⁴ apresenta um quadro meio desanimador da velhice, quando se refere às duas etapas em que se dividiriam o processo de envelhecimento: a presenectude e senectude ou velhice.

A presenectude é o período de transição. Na mulher, correspondendo ao fenômeno da menopausa. É a etapa em que se acentuam as características de egocentrismo, reduz o campo de interesses, traz medo de mudança. No homem coincide com a última fase de sua afirmação sexual, levando-o ao individualismo, ao apego aos bens materiais, às aventuras. O estado de ânimo apresenta-se irritado ou deprimido; vive-se uma auto-rejeição, falta de aceitação da própria idade.⁴⁵

A segunda etapa é a senectude que se caracterizaria por certa apatia psíquica: perda de fluidez mental; dificuldade para adquirir novos conhecimentos; difícil adaptação às novas realidades criando situação de isolamento e inutilidade; “volta ao adorável passado; apego aos bens materiais - acumulação, avareza, desconfiança”.⁴⁶

1.5 O idoso: aspectos fisiológicos

A sabedoria popular já afirma que se não fosse o encontro com o outro, o olhar para o outro, nosso contemporâneo, não perceberíamos a velhice. Os sinais parecem não ser percebidos pelo portador. Ele os percebe no outro.

Até os 30 anos todo o organismo cresce e evolui, até os 50 estaciona, e dos 50 para cima passa a evidenciar um mecanismo de atrofia e involução. Então, começa o envelhecimento, como descreve Ruiz:⁴⁷

As células se atrofiam, se degeneram, a infiltração gordurosa é maior, a pigmentação celular aumenta; os órgãos dos sentidos não funcionam tão bem; a capacidade de formar anticorpos é menor; o processo de oxidação dos tecidos diminui; o tecido perde aos poucos sua elasticidade e vai-se degenerando; a sensibilidade às infecções e aos extremos de temperatura é maior; as funções renais diminuem, a atividade cardíaca se altera, a capacidade respiratória é menor

⁴⁴RUIZ, Elena Isabel González. PSICOLOGIA, **Família Cristã**, Ano 43, 2000. 493, p. 21.

⁴⁵RUIZ, Elena Isabel González. 2000, p. 21.

⁴⁶RUIZ, Elena Isabel González. 2000, p. 21.

⁴⁷RUIZ, Elena Isabel González. 2000, p. 21.

Pela ótica fisiológica, entretanto, os traços decorrentes da idade são muito variáveis e difíceis de serem aferidos. Para os fisiologistas, pode haver uma defasagem de até 30 anos em relação à idade cronológica.

Apesar do alto componente genético na determinação do peso e da estatura dos indivíduos, outros fatores, tais como dietas, sedentarismo, doenças podem contribuir para esta diferenciação.

Quanto às funções relativas à sexualidade, muitas vezes, a sociedade contribui para que o idoso tenha uma percepção de menos valia. Deduz-se, então, incorretamente que, porque se aposentou do seu trabalho, de sua função, o idoso aposentou-se da vida. Esse preconceito acaba por privar a pessoa idosa de várias coisas como: o amor, a sexualidade e o lazer.

Beauvoir⁴⁸ ressalta na sua obra 'A Velhice' a ideia de que a sublimação aureolada atribuída ao velho e a falsa crença de que a velhice é uma etapa assexuada influenciam profundamente a auto-estima e a capacidade de relacionar-se com o outro. A velhice não é sinônimo de doença, mas pode estar relacionada a doenças degenerativas. Os problemas de saúde podem limitar, mas não impedir, na grande maioria dos casos, que um idoso leve uma vida sexual ativa.

Quanto às mulheres, estas sentem notoriamente o conjunto das mudanças pela qual o corpo passa, principalmente, no período da menopausa. Esta sinaliza o fim da capacidade reprodutora, o que não implica no término da sexualidade.

Os "grupos de terceira idade" promovem uma socialização aumentando, consideravelmente, os contatos sociais e permitindo uma ativa (re)construção de suas ideologias sexuais, além de proporcionar atividades físicas que combatem o mal do século - o sedentarismo e a obesidade.

A corporeidade vivida pelo idoso tem restrições, tendo eles consciência disso, sem a preocupação exagerada com os preconceitos que a sociedade ainda manifesta em relação a seus corpos e as limitações próprias do processo de envelhecimento não podem ser sinônimo de inatividade e passividade.⁴⁹

⁴⁸BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. Tradução de: La vieillesse. Paris: Gallimard, 1990, 711.p.

⁴⁹SIMÕES, R. **Corporeidade e terceira idade: a marginalização do corpo idoso**. 1998. 128p. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba .

1.6 Aspectos socioeconômicos

Um cenário de mudanças coloca algumas questões que merecem registro. Debert (1999) aponta duas tendências: a primeira considera que, com a extensão do tempo de vida, novos estágios específicos são propostos para a velhice a partir da combinação da idade e da capacidade funcional dos idosos, uma vez que não é possível homogeneizar a população de 65 anos e mais.

(...) na população idosa, é sobretudo o grupo com 85 anos ou mais que terá um crescimento maior nas próximas décadas. As redes de parentesco, pela primeira vez na história, contarão com um número maior de velhos do que de jovens, ao mesmo tempo em que os casados tenderão a ter um número de filhos menor que o número de pais idosos.

A experiência de envelhecimento para as pessoas idosas mais idosas seria, então, caracterizada por pauperização, passividade e dependência de toda natureza.

Discutindo perspectivas para a velhice na pós-modernidade, Bassit⁵⁰ antevê a diluição dos grupos estruturados a partir das idades cronológicas.

O curso de vida na pós-modernidade será fundamentado na desinstitucionalização (...) enquanto a modernidade estabeleceu parâmetros claros entre diferentes períodos etários, a pós-modernidade irá obscurecê-los de novo.⁵¹

A desconstrução do paradigma do curso de vida moderno passa, segundo Bassit⁵², pelo processo de globalização que, ao encurtar espaços e tempos, possibilitou acesso a culturas de outros povos e, conseqüentemente, a redefinição de identidades.

Ariès⁵³ discute sobre a forma como a velhice é vivida por gerações sucessivas ao longo do período que vai do final do século passado até os dias atuais, em relação aos setores médios e burgueses na França. A velhice trazia a interrupção de atividades inerentes à vida adulta além de uma série de mudanças no estilo de vida

⁵⁰BASSIT, Ana Zahira. In: DEBERT, Guita Grin; GOLDSTEIN, D. 2000.

⁵¹BASSIT, Ana Zahira. In: DEBERT, Guita Grin; GOLDSTEIN, D. *Políticas do corpo e o curso da vida*. São Paulo: Mandarim, 2000. p. 223-24.

⁵²BASSIT, Ana Zahira. In: DEBERT, Guita Grin; GOLDSTEIN, D. 2000.

⁵³ARIÈS, Phillippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1978.

e costumes, fazendo com que a partir dos 40 ou 50 anos de idade fosse mesmo difícil distinguir a idade das pessoas.

Na Inglaterra, estudos desenvolvidos por Schuller e citados na obra de Debert⁵⁴ (1992) destacam três grandes tendências: o crescimento das ocupações em meio período, a entrada no mercado de trabalho em idades mais adiantadas e a aposentadoria em idades mais precoces. A partir desses dados, Debert⁵⁵ conclui que “a geração atual de idosos seria, talvez, a última a permanecer em turno completo no emprego até a idade da aposentadoria. A associação entre fim do trabalho e entrada na velhice não só deve ser revista, mas exige uma redefinição dos diferentes estágios da vida”.

No Brasil, estudos como os de Barros apud Prado⁵⁶ falam sobre os idosos inseridos em setores médios da economia e sugerem representações favoráveis acerca da velhice. Mattos (1990) apud M. Featherstone e H. Leibing⁵⁷ estudando idosos de classes populares utilizou o termo "faceirice" para descrever seu entusiasmo na participação em bailes, excursões e outras atividades realizadas em um grupo de convivência.

Debert⁵⁸ avaliando os aspectos que marcam a publicidade em suas relações com a velhice, destaca as fortes transformações operadas nas imagens associadas aos velhos: "a personagem de mais idade é também objeto privilegiado para atualização de outros significados como a rebeldia, a contestação e a subversão de padrões sociais, o hedonismo".⁵⁹

Souza⁶⁰ enfatiza que, no contexto da sociedade brasileira, as pessoas idosas são marginalizadas. Em outras culturas parece não ocorrer esse comportamento, como, por exemplo, na cultura oriental. Para estes, o velho não é sinônimo de senil, mas é um sábio, transcendendo a conotação pejorativa de alguns brasileiros que, muitas vezes, não vêem a hora de internar seus idosos quando não os segregam

⁵⁴DEBERT, Guita G. **Família, classe social e etnicidade**: um balanço da bibliografia sobre a experiência de envelhecimento. *BIB*, Rio de Janeiro, n.33, 1992, p. 33-49.

⁵⁵DEBERT, Guita G. **A reinvenção da velhice**. São Paulo: Edusp, 1999. p. 216.

⁵⁶PRADO, Shirley Donizete. **O curso da vida, o envelhecimento e o futuro**. p. 6. Disponível em: <http://www.portaldoenvelhecimento.org.br/acervo/artieop/Geral/artigo50.htm>. Acesso em 28/06/2010.

⁵⁷FEATHERSTONE, M. e HEPWORTH LEIBING In: DOURADO, Annette e Márcia. **Velhice e suas representações**: implicações para uma intervenção psicanalítica. Aceito para publicação em 26/09/2002. Disponível em: <http://www.revispsi.uerj.br/v2n2/artigos/artigo4.html>. Acesso em 07/2010.

⁵⁸DEBERT, Guita G. 1999. p. 216.

⁵⁹DEBERT, Guita G. **A reinvenção da velhice**. São Paulo: Edusp, 1999. p 216.

⁶⁰SOUZA, Solange Bertozi de (1998). **Lazer, terceira idade e sua mútua relação**. *Conexões*, 1(1), 39-48. Disponível em: polaris.bc.unicamp.br/seer/fef/include/getdoc.php?id...43... Acesso em 28/09/2010.

dentro de suas próprias famílias. Na cultura Pataxó, parece que nos aproximamos mais do comportamento dos orientais.

Em algumas situações, os idosos se excluem das atividades sociais alegando a idade como pretexto para se vitimizarem e se sentirem inúteis perante a sociedade. De acordo com Rocha⁶¹ isso gera uma exclusão, pela qual eles mesmos são os responsáveis diretos.

A maioria dos idosos no Brasil, segundo os comentários do gerontólogo Marcelo Salgado⁶², tem baixo poder aquisitivo, vivendo, na realidade, em um estado de pobreza muito acentuado, o que dificulta seu acesso a bens e serviços da comunidade, e à manutenção de sua participação social e da vida cultural.

Nesse sentido, concorda com ele a assistente social, mestre em gerontologia, Maria Cristina Dal Rio⁶³, que afirma coexistir, na sociedade brasileira, uma velhice subdesenvolvida, prematuramente envelhecida e uma velhice bem-dotada, localizada no âmbito das elites, em condições equivalentes às dos países desenvolvidos.

O exagerado enaltecimento do jovem, do novo e do descartável, além do descrédito sobre o saber adquirido com a experiência da vida, são as inevitáveis conseqüências desses valores. A criança é considerada um futuro ativo. A sociedade ao investir nela assegura seu próprio futuro, ao passo que, a seus olhos, o velho não passa de um morto, constata Simone de Beauvoir.⁶⁴

O idoso necessita estar engajado em atividades que o façam sentir-se útil. Mesmo quando possui condição financeira estável, o idoso deve estar envolvido em atividades ou ocupações que lhe proporcionem prazer e felicidade. A atividade em grupo é uma forma de manter o indivíduo engajado socialmente na sociedade não indígena.

⁶¹ROCHA, Irlândia M. S. N. C. **Memória, Espaço Asilar e Representações**. Um estudo sobre narrativas de idosos. Vitória da Conquista-Bahia: Edições Uesb, 2010. 131 p.

⁶²SALGADO, M. A. Um resgate histórico da gerontologia e do trabalho social com idoso no Brasil. **Terceira Idade**. São Paulo: Sesc, n.11, v. 22, p. 78-80, 2000.

⁶³DAL RIO, M. C. Trabalho voluntário como promoção da integração social do idoso. **Terceira idade**. São Paulo: SESC, n.13, v.24, p. 57-72, 2002.

⁶⁴BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. Tradução de: La vieillesse. Paris: Gallimard, 1990, 711p.

Através de sua pesquisa, Rocha nos indica que, mesmo num espaço asilar, o idoso precisa ter vontade de participar do grupo para que assim possa usufruir dele, aspectos estes que ajudam a melhorar e tornar mais satisfatória sua vida.⁶⁵

Também os idosos Pataxó resistem a se envolverem com os mais jovens e “estranhos”⁶⁶ nos folguedos e festividades da tribo (aspectos sociais). Entendemos que essa atitude talvez seja uma tentativa de preservar os costumes dos ancestrais e que “os estranhos” estariam invadindo seus espaços, participando de atividades que somente os indígenas compreenderiam o significado e o respeito exigido.

⁶⁵ROCHA, Irlândia M. S. N. C. **Memória, Espaço Asilar e Representações**. Um estudo sobre narrativas de idosos. Vitória da Conquista-Bahia: Edições UESB, 2010. 131 p.

⁶⁶Os idosos pataxó chamam “estranhos” aos convidados às festas que não são nativos da sua tribo, especialmente, os turistas.

2 POLÍTICAS DE PROTEÇÃO AOS IDOSOS BRASILEIROS

Eu era o seu guia
 Na noite sombria,
 A só alegria
 Que Deus lhe deixou:
 Em mim se apoiava,
 Em mim se firmava,
 Em mim descansava,
 Que filho lhe sou.
 Ao velho coitado
 De penas ralado,
 Já cego e quebrado,
 Que resta? — Morrer.⁶⁷

Nas políticas públicas de proteção aos idosos, têm-se os direitos e deveres da Pátria, da sociedade civil e da família sustentando as ações que amparam, guiam, apoiam e oferecem a todos uma vida plena e digna, na chamada terceira idade. “A família, a sociedade e o Estado têm o dever de assegurar ao idoso todos os direitos da cidadania, garantindo sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade, o bem-estar e o direito à vida”.⁶⁸

Considerando a história humana, verifica-se que as sociedades avançaram em vários pontos. O homem, oriundo de uma longa cadeia evolutiva, tanto biológica quanto cultural, aprimorou seus conhecimentos em busca de maior longevidade. No entanto, Beauvoir⁶⁹ constata que “(...) nada deveria ser mais esperado e, no entanto, nada é mais imprevisto que a velhice (...)”. Como todas as situações humanas, ela tem uma dimensão existencial: modifica a relação do indivíduo com o tempo e, portanto, sua relação com o mundo e com sua própria história.

Convive-se com o conceito e o pré-conceito da velhice e do envelhecimento, mas há um temor em relação ao amadurecimento na sociedade não indígena que não observamos em relação ao povo Pataxó.

Rubem Alves⁷⁰ afirma que cada organismo é uma melodia que se toca, cada animal canta a sua melodia e o mundo que está em harmonia com aquela melodia reverbera e, nessa dialética, o animal cria. Mas, o ser humano é incompleto, por isso

⁶⁷DIAS, Gonçalves. In: **Juca Pirama**.

⁶⁸Lei 8.842/94 - **Política Nacional do Idoso**, artigo 3º, inciso I.

⁶⁹BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. A realidade incômoda. Tradução de Heloisa de Lima Dantas. São Paulo: Difusão Européia do Livro 1970. Tradução de: Lavieillesse. Paris. Gallimard, 1990, p. 8/ 9.

⁷⁰ALVES, Rubem. **Gaiolas e Asas**. *Folha de São Paulo*, 08/12/2001.

ele precisa inventar as músicas que tem de tocar, porque a natureza não lhe ensinou a partitura. Os povos indígenas parecem entender melhor a naturalidade e aporte dessa conjectura do que os não índios.

Nas primeiras etapas da vida, tudo é previsível, mas quando chega o amadurecimento, deixa de existir essa previsibilidade e o amanhã se impõe com considerável abstração. Os Pataxó que se mantiveram menos contaminados por nossa cultura lidam melhor com o envelhecimento e a morte, talvez, em função de não se apegarem tanto às coisas materiais e à necessidade de “ajuntar” coisas.

Ao analisar esse trajeto de vida e a civilização que o ajudou a construir, sendo o agente da história, com suas noções de moral, ética e busca de satisfação, torna-se necessário maior investimento em pessoas idosas; não só pela necessidade de preservação da memória histórica e cultural, como também para viabilizar a possibilidade de que essas pessoas possam viver essa etapa da vida de forma prazerosa, produtiva e inclusiva, fruto de suas realizações quando adultos.

Com efeito, as diferenças existentes na concepção do envelhecimento residem na individualidade, nos sentimentos e no terreno das representações. “O envelhecimento não é um processo homogêneo, mesmo em cada indivíduo”.⁷¹

À medida que absorvemos múltiplas vozes, consideramos que cada verdade é relativizada por nossa consciência simultânea de alternativas atraentes.⁷² Tornamo-nos conscientes que cada verdade sobre nós mesmos é uma construção do momento (mistura das culturas), verdadeira apenas por um período de tempo e no interior de certos relacionamentos.

A afirmação anterior de Debert implica também uma concepção de envelhecimento do ponto de vista da medicina, tão utilizado até o início do século XIX. A consideração de que o termo velhice é, por excelência, multifacetado, ambíguo e paradoxal, em face de inexistência de uma situação de velhice, mas, sim, uma diversidade de situações da realidade da pessoa idosa, que varia de acordo com a cultura de cada sociedade, nos conduz a apropriação mais adequada do uso do termo pessoa idosa.

⁷¹DEBERT, Guita G. **A reinvenção da velhice**. São Paulo: Edusp, 1999. p. 130.

⁷²RASERA, Emerson F. GUANAES, Carla e JAPUR, Marisa. **Psicologia, Ciência e Construcionismos**: Dando Sentido ao Self. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2004, 17(2), p. 159. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v17n2/22468.pdf>. Acesso em 10/06/2010.

Segundo Debert, a velhice está diretamente ligada ao campo dos sentimentos e das representações, ela nunca é um fato total. Ninguém se sente velho em todas as situações, nem diante de todos os projetos. Loureiro⁷³ contribui no sentido de exortar que a velhice “é uma identidade permanente e constante”. Esse pensamento manifesta a visão sobre as múltiplas representações do idoso numa sociedade evidentemente jovem. Ressalve-se que a comunidade indígena Pataxó é jovem devido, principalmente, às perseguições, atentados e dizimação de seu povo.

No Brasil, o interesse pela temática é recente, porém, em função de inúmeras mudanças que vêm se configurando no sentido de construções positivas, de um envelhecimento humanizado e respeitado, que tenha perspectiva de sucesso e oportunidades sociais, refutando a noção de “peso”, “sobrecarga” e “incapacidade”. Nas políticas públicas de inclusão social faz-se necessário incluir também ações que corroborem para que essa transformação social ocorra efetivamente. Há que se fortalecer o sentido das políticas públicas como medidas efetivas e não assistencialistas.

Contudo, a despeito do processo de esquecimento a que esse segmento populacional vinha sendo relegado e ao processo de perda a que estão sujeitos, os idosos saem dessa “invisibilidade”⁷⁴ e passam a despertar interesses econômicos como uma “fatia do mercado consumidor”, capaz de gerar lucros e empreendimentos voltados para o lazer, a saúde, a educação, o turismo, dentre outros. O “velho” Pataxó, por sua vez, não se enquadra nessa categoria econômica, não cria esse “despertar econômico” para a indústria de consumo. Ao passo que para os não indígenas, essa mudança fez com que a sociedade encarasse os idosos como dispositivos que remetem a que nos vejamos, nós próprios, como sujeitos do amanhã e não mais como sujeitos de morte anunciada.

Dessa forma, Debert assinala que

meia idade, terceira idade, aposentadoria ativa não são interlúdios maduros entre a idade adulta e a velhice, indicam, antes, estágios propícios para a satisfação pessoal, o prazer, a realização de sonhos adiados em outras etapas da vida.⁷⁵

⁷³LOUREIRO, Altair Macedo Lahud. **A velhice, o tempo e a morte**. Brasília: UNB, 1998. p. 62.

⁷⁴DEBERT, Guíta G. **A reinvenção da velhice**. São Paulo: Edusp, 1999.

⁷⁵DEBERT, Guíta G. **A reinvenção da velhice**. São Paulo: Edusp, 1999. p. 35.

Nesse aspecto, se concebe a educação cidadã como um processo de desconstrução dessa “invisibilidade” e “incapacidade” para um novo olhar sobre a pessoa e do jovem que, ao relacionar-se com a pessoa idosa, poderá ver todas as perspectivas de realização e auto-realização deste.

2.1 O Estatuto do Idoso

Com o objetivo de garantir dignidade ao idoso foi aprovado, pelo Senado Federal, o Estatuto do Idoso, após longos seis anos de espera. O mesmo foi sancionado pelo Presidente da República em 1º de outubro de 2003, data em que se comemora o Dia Internacional do Idoso.

Foi recebido com festa, porém, com os pés no chão pelas entidades de classe dos idosos, que através desta aprovação legislativa demonstraram que também têm poder político e *lobby* suficiente para aprovar uma lei, aguardaram a aplicabilidade da mesma e sua repercussão.

A Constituição Federal, no Art. 230, em si já era suficiente para garantir a proteção aos idosos, porque assegura "*a sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida*". A Constituição Federal declara que o dever de assegurar a participação comunitária, a defesa da dignidade, o bem-estar e o direito à vida, pertence à família, à sociedade e ao Estado sendo, portanto, dever de todos.

O Estatuto do Idoso, com 118 artigos em seu bojo, traz algumas novidades almeçadas há muito tempo pela sociedade, a saber: o sistema de cotas de 3% das moradias construídas com recursos federais para facilitar o acesso à moradia condigna ao idoso; o salário mínimo mensal aos cidadãos com mais 65 anos de idade, dois anos a menos que os 67 anos completos exigidos pela Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS); a garantia de reajuste do benefício sempre que o salário mínimo for reajustado, sem a ele vincular-se, considerando a proibição constitucional. Aos idosos Pataxó, porém, o alcance da lei ficou restrito aos reajustes.

Além dos benefícios citados, ainda abarca em seu texto a determinação de adequação das empresas prestadoras de serviço para abrigar pelo menos 20% do

seu quadro com pessoas maiores de 45 anos, a obrigação do poder público em fornecer medicamentos e instrumentos de reabilitação e tratamento, a vedação de reajustes discriminatórios em razão da mudança de faixa etária pelos planos de saúde, além de prever vagas em transporte coletivo gratuitas, dentre muitas outras novidades que irão beneficiar a pessoa idosa.

Como afirma com propriedade Demo,⁷⁶ a política social continua sendo um desafio fundamental e contraditório da sociedade e do sistema produtivo. Um dos fatores de discriminação ao idoso na sociedade é o seu afastamento do círculo produtivo do mercado.

Acredita-se que o direito deve ser ponte para a concretização de um cenário que foi idealizado e suscitado pelo povo, criado pelo poder legislativo representativo do povo e sancionado pelo Presidente da República, representante do Estado, sempre no sentido de assegurar direitos propostos em políticas de defesa à dignidade do idoso e disciplinar uma sociedade que naturalmente vinha rejeitando o envelhecimento.

A Política Nacional do Idoso, na condição de instrumento legal e legítimo, tem como diretrizes:

I - viabilizar formas alternativas de participação, ocupação e convívio do idoso, proporcionando-lhe integração às demais gerações;

II - promover a participação e a integração do idoso, por intermédio de suas organizações representativas, na formulação, implementação e avaliação das políticas, planos, programas e projetos a serem desenvolvidos;

III - priorizar o atendimento ao idoso, por intermédio de suas próprias famílias, em detrimento do atendimento asilar, à exceção dos idosos que não possuam condições de garantir sua sobrevivência;

IV - descentralizar as ações político-administrativas;

V - capacitar e reciclar os recursos humanos nas áreas de geriatria e gerontologia;

VI - implementar o sistema de informações que permita a divulgação da política, dos serviços oferecidos, dos planos e programas em cada nível de governo;

VII - estabelecer mecanismos que favoreçam a divulgação de informações de caráter educativo sobre os aspectos biopsicossociais do envelhecimento;

VIII - priorizar o atendimento ao idoso em órgãos públicos e privados prestadores do serviço; e, apoiar estudos e pesquisas sobre as questões do envelhecimento.

⁷⁶DEMO. Pedro. **Política social, educação e cidadania**. 4. ed. Campinas, SP: Papirus, 1988. p. 9.

É importante ressaltar que o acesso do idoso aos direitos especiais que lhe são destinados em lei é expressão da sua cidadania e, como tal, deve ser viabilizado tanto pela esfera governamental, quanto pela sociedade civil. Duarte⁷⁷ afirma que ser cidadão é ter consciência de seus direitos e deveres civis e políticos, participando das decisões que interferem na vida de cada um, com um sentimento ético e consciência de cidadania.

O envelhecimento da população influencia o consumo, a transferência de capital e propriedades, impostos, pensões, o mercado de trabalho, a saúde e assistência médica, a composição e organização da família. É um processo normal, inevitável, irreversível e não uma doença. Portanto, não deve ser tratado apenas com soluções médicas, mas também por intervenções sociais, econômicas e ambientais.

As políticas públicas de atenção à pessoa idosa se relacionam com o desenvolvimento socioeconômico e cultural, bem como com a ação reivindicatória dos movimentos sociais. Um marco importante dessa trajetória foi a Constituição Federal de 1988, que introduziu em suas disposições o conceito de Seguridade Social, fazendo com que a rede de proteção social alterasse o seu enfoque estritamente assistencialista, passando a ter uma conotação ampliada de cidadania.

A partir daí, a legislação brasileira procurou se adequar a tal orientação, embora ainda faltem algumas medidas. Como exemplo, poderíamos destacar a Política Nacional do Idoso, estabelecida em 1994 (Lei 8.842), que criou normas para os direitos sociais dos idosos, e garantiu autonomia, integração e participação efetiva como instrumento de cidadania.

Entretanto, essa legislação não tem sido eficientemente aplicada. Isto se deve a vários fatores, que vão desde contradições dos próprios textos legais até o desconhecimento de seu conteúdo.

Na análise de muitos juristas especialistas na questão dos direitos especiais, a dificuldade de funcionamento efetivo daquilo que está disposto na legislação está muito ligada à tradição centralizadora e segmentadora das políticas públicas no Brasil, que provoca a superposição desarticulada de programas e projetos voltados

⁷⁷DUARTE, M.J.R.S. **Interação Institucional do Idoso**: Assistência à Saúde em Geriatria no Setor Público. Tese de Doutorado em Saúde Pública, ENSP Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro: 1991.

para um mesmo público. Em outras palavras, temos leis de primeiro mundo para uma sociedade que ainda não alcançou esse nível de desenvolvimento.

A área de amparo à terceira idade é um dos exemplos que mais chama atenção para a necessidade de uma "intersetorialidade" na ação pública⁷⁸, pois os idosos muitas vezes são "vítimas" de projetos implantados sem qualquer articulação pelos órgãos de educação, de assistência social e de saúde.

De acordo com membros do Ministério Público, algumas deficiências da Política Nacional do Idoso são: a falta de especificação da lei que contribua para criminalizar a discriminação, o preconceito, o desprezo e a injúria em relação ao idoso, assim como para publicidades preconceituosas e outras condutas ofensivas; dificuldades em tipificar o abandono do idoso em hospitais, clínicas, asilos e outras entidades assistenciais para a punição de parentes das vítimas; falta de regulamentação criteriosa sobre o funcionamento de asilos, sendo preciso que a lei especifique o que devem essas entidades disponibilizar para a clientela, quem deverá fiscalizá-las e qual a punição para os infratores.⁷⁹

2.2 A saúde do idoso no contexto brasileiro

O envelhecimento da população é um fenômeno mundial iniciado, a princípio, nos países desenvolvidos como consequência da queda dos índices de mortalidade, dos avanços no conhecimento médico, da urbanização adequada das cidades, da melhoria nutricional, da elevação dos níveis de higiene pessoal e ambiental tanto em residências como no trabalho, bem como em decorrência dos avanços tecnológicos.

Nos países menos desenvolvidos como o Brasil, o aumento da expectativa de vida tem sido evidenciado pelos avanços tecnológicos relacionados à área de saúde, nos últimos 60 anos, como a vacina, o uso de antibióticos e de quimioterápicos que tornaram possível a prevenção ou a cura de muitas doenças.

No entanto, para os povos indígenas, o aumento da expectativa de vida tem ocorrido mais em função da diminuição do seu extermínio do que de políticas articuladas que o beneficiem.

⁷⁸ DEMO, Pedro. **Política social, educação e cidadania**. 4. ed. Campinas, SP: Papirus, 1988.

⁷⁹ A Política Nacional do **Idoso**: um Brasil para todas as idades. 6 ago. 2009.

http://www.sintrafesc.org.br/view_artigo.php?id=2255 . Acesso em 20/07/2010

Ainda assim, o atendimento quase sempre não leva em consideração a cultura naturista dos povos indígenas, sendo estes tratados e acompanhados por tratamentos convencionais da sociedade não indígena.

Na reserva indígena Pataxó de Coroa Vermelha, um aspecto relevante é a influência das religiões nas práticas de cura do indígena. O pajé da aldeia tornou-se evangélico e agora repudia o uso das rezas e cultos de cura que tradicionalmente praticavam e eram ensinados de pai para filhos.

A questão da saúde do idoso no Brasil, em termos das políticas públicas para o setor, é tratada no conjunto das medidas relacionadas aos programas de desenvolvimento social e, em bases gerais, não é diferente com os idosos indígenas, lembrando ainda que as políticas sociais devem estar voltadas a resgatar a dívida com os excluídos do processo de desenvolvimento.⁸⁰

No caso particular do idoso, a dinâmica que reforça o mecanismo de exclusão deste se realiza, através dos chamados "mitos da velhice", conforme estudo apresentado pela OPAS/OMS (1999)⁸¹, Organização Pan-Americana da Saúde/ Organização Mundial de Saúde, os quais procuram apresentar as limitações consequentes da senilidade como fatores impeditivos dos idosos participarem efetivamente do mercado de trabalho e do processo produtivo.

Outro aspecto relevante em relação às políticas públicas de saúde e ao aumento da expectativa de vida da população é que os gastos com saúde *per capita* tornam-se cada vez maiores com o passar do tempo. As pessoas da terceira idade, em geral estão mais sujeitas a acidentes e às doenças crônicas e degenerativas, em razão do déficit ou falência das suas percepções sensoriais e da fragilidade orgânica, que aumenta com o passar do tempo.⁸²

Além da questão do aumento progressivo dos gastos com o tratamento de saúde das pessoas idosas, emerge o debate sobre as instituições responsáveis pelo

⁸⁰NUNES, Márcia Batista Gil, RAMOS, Cileia do Nascimento Silva, e CHAVES. Mauro & Maria Yvone, **Estudo das políticas de proteção às pessoas da terceira idade no Brasil**, 2003. Disponível em: <http://direitodoidoso.braslink.com/01/artigo011.html>. Acesso em 26 de junho de 2010.

⁸¹NUNES, Márcia Batista Gil, RAMOS, Cileia do Nascimento Silva, e CHAVES. Mauro & Maria Yvone, **Estudo das políticas de proteção às pessoas da terceira idade no Brasil**, 2003. Disponível em: <http://direitodoidoso.braslink.com/01/artigo011.html>. Acesso em 26 de junho de 2010.

⁸²PRADO, Shirley Donizete. **O curso da vida, o envelhecimento humano e o futuro**. p. 6. Disponível em: <http://revista.unati.uerj.br>. <http://www.portaldoenvelhecimento.org.br/acervo/artieop/Geral/artigo50.ht>. Acesso em 23/05/2010.

atendimento a esta população, bem como a formação de recursos humanos específicos para este segmento social.

Na atualidade, as instituições públicas geriátricas não servem como modelo de serviço para o idoso alcançar um estilo de vida com qualidade e não se tem notícia de equipe com treinamento voltado especialmente para a população idosa indígena.

É importante levar em consideração que no sistema tradicional de atendimento à saúde são desconhecidas ou ignoradas as práticas curativas como as rezas, as benzeduras, os elixires, os elementos orgânicos da natureza tipo argila, folhas dentre outros, como fatores determinantes da cura usados pelos povos indígenas.

Sayeg (1997) apud Nunes et al⁸³ aponta o Brasil como um país carente de especialistas na área de saúde do idoso, em consequência, principalmente, da impossibilidade da realização de cursos de extensão durante os períodos de formação universitária. Se considerarmos a cultura Pataxó não há profissionais voltados para um atendimento culturalmente específico.

Ousamos considerar que a reflexão sobre a soma dos fatores elencados traz a consciência da existência da velhice como uma questão social. Questão esta que pede grande atenção, pois está diretamente relacionada com crise de identidade, mudança de papéis, aposentadoria, muitas e diferenciadas perdas e diminuição dos contatos sociais. Esse é um aspecto totalmente parecido para indígenas ou não indígenas. Em nosso contato com o povo Pataxó observamos que há uma preocupação e valorização excessiva em torno da aposentadoria, igualmente como na sociedade não indígena.

As políticas públicas governamentais têm procurado implementar os Centros de Convivência – espaço destinado à prática de atividade física, cultural, educativa, social e de lazer, como forma de estimular sua participação no contexto social que se está inserido. Os estudiosos na área da Gerontologia Social⁸⁴ revelam que o

⁸³NUNES, Márcia Batista Gil, RAMOS, Cileia do Nascimento Silva, e CHAVES. Mauro & Maria Yvone, **Estudo das políticas de proteção às pessoas da terceira idade no Brasil**, 2003. Disponível em: <http://direitodoidoso.braslink.com/01/artigo011.html>. Acesso em 26 de junho de 2010.

⁸⁴MORAGAS, Ricardo. **Gerontologia social: envelhecimento e qualidade de vida**. São Paulo: Paulinas, 1997.

trabalho torna-se um dos elementos relevantes que interfere de forma positiva na longevidade. No que toca às tribos indígenas de Coroa Vermelha, observamos que os 'velhos', como são tratados os idosos (porém, com uma conotação respeitosa e até reverente), preferem ficar 'sossegados no seu canto', pois, não gostam de barulho e nem de estranhos.

Como esta é uma região especialmente turística, o contato entre os indígenas e os 'estranhos' é muito comum e até provocado pelo aspecto comercial da venda de artesanatos, mas os 'indígenas velhos' preferem ficar em suas ocupações ou no seu recanto.

A importância sobre a escolha da forma de tratar a questão do idoso à luz de um modelo que confira a este uma perspectiva cidadã, transcende aspectos puramente técnicos, políticos e étnicos. Envolve esse grupo social numa relação de cuidado com suas demandas e especificidades variadas, associadas às peculiaridades do meio social no qual se insere o idoso.

2.3 Efetivação das políticas públicas no Brasil

O envelhecimento da população brasileira se evidencia por um aumento da participação do contingente de pessoas maiores de 60 anos, havendo uma proporção da população acima de 80 anos que tem aumentado, alterando a composição etária dentro do próprio grupo, o que significa que a população considerada idosa também está envelhecendo e representa o segmento populacional que mais cresce.

Ações eficazes e oportunas devem ser adotadas para que a população idosa cresça não só em termos quantitativos, mas também com a melhor qualidade de vida possível, sugerindo campanhas de conscientização da família e da sociedade que são vitais para a mudança de mentalidade no tratamento da questão do envelhecimento.

Apesar da criação de novas leis de amparo à velhice que evidenciam uma preocupação com esta crescente faixa etária, pouco tem sido feito para viabilizar o

exercício dos direitos assegurados por estas leis. Ainda não é tão significativa a efetiva atuação governamental.

A atuação das ONGs volta-se cada vez mais em oferecer assistência à população e em decorrência o Estado termina por não prover ações que permitam realizar atividades criadoras, favorecendo assim o isolamento das pessoas idosas da sociedade à qual pertencem. Neste caso, não há nenhuma posição diferenciada em relação ao idoso indígena.

Há um distanciamento muito grande entre a lei e a realidade da pessoa idosa no Brasil. Segundo os especialistas em legislação especial (como direitos da pessoa idosa), para que esta situação se modifique, é preciso que ela continue a ser debatida e reivindicada em todos os espaços possíveis, pois, somente uma mobilização permanente da sociedade fará a previsão legal ser cumprida de forma efetiva.

É cabível reflexões sobre em que medida o idoso indígena, especialmente o Pataxó, é beneficiado com essas políticas públicas voltadas para a sociedade não indígena? Essas políticas públicas são viáveis e apropriadas à cultura da tribo Pataxó? Os projetos tão bem elaborados nos ministérios e secretarias têm sido efetivados para esse povo e, principalmente, com a representação de suas lideranças? Permanecemos ainda como a 500 anos atrás estabelecendo políticas não indígenas para povos indígenas?

Considerando nosso objetivo de colocar em diálogo os diferentes projetos que supostamente viriam a beneficiar os Pataxó, em nossa visita à Reserva Indígena Pataxó de Coroa Vermelha não houve relato de nenhuma assistência ou programa específico destinado aos “velhos”.

2.3.1 O papel da família e a importância das relações interpessoais

Escrevendo sobre o passar dos anos, convivência e mudanças, Lia Luft apresenta, em forma de poema lírico, um balanço do processo de envelhecimento no que diz respeito à qualidade das relações familiares, a importância do estar em família, oferecendo e recebendo afeto e cuidados, continuando a participar, mesmo de forma diferente, da história do grupo familiar.

Não tenho mais os olhos de menina nem corpo adolescente, e a pele translúcida há muito se manchou. Há rugas onde havia sedas, sou uma estrutura agrandada pelos anos e o peso dos fardos bons ou ruins. (Carreguei muitos com gosto e alguns com rebeldia.)

O que te posso dar é mais que tudo o que perdi: dou-te os meus ganhos. A maturidade que consegue rir quando em outros tempos choraria; busca te agradar quando antigamente queria apenas ser amada.

Posso dar-te muito mais do que beleza e juventude agora: esses dourados anos me ensinaram a amar melhor, com mais paciência e não menos ardor, a entender-te se precisas, a aguardar-te quando vais, a dar-te regaço de amante e colo de amiga, e sobretudo força que vem do aprendizado.

Isto posso te dar: um mar antigo e confiável cujas marés — mesmo se fogem — retornam, cujas correntes ocultas não levam destroços, mas o sonho interminável das sereias.⁸⁵

Em todas as fases da vida, a família exerce uma importância fundamental no fortalecimento das relações, embora muitas vezes ela própria tenha dificuldades em aceitar e entender o envelhecimento de um ente, tornando o relacionamento familiar mais difícil; porém, é o ambiente familiar que pode determinar as características e o comportamento do idoso.

Na relação indígena Pataxó, os idosos permanecem com elevado destaque social para a comunidade onde suas opiniões são respeitadas e prezam muito por relações harmoniosas.

Reconhece-se que para cada família o envelhecimento assume diferentes valores que, dentro de suas peculiaridades, pode apresentar tanto aspectos de satisfação como de pesadelo. Da qualidade dos laços afetivos que a família mantém com o idoso, resultará o menor ou maior grau de dependência emocional e a qualidade de vida. A família representa para os idosos um fator que influencia significativamente na sua segurança emocional. Esse aspecto não é diferente na relação da comunidade indígena Pataxó. No entanto, pudemos observar que as pessoas idosas são mais respeitadas e ouvidas que na sociedade não indígena.

Além da afetividade, há o aspecto legal que obriga a família prestar ajuda aos seus idosos. Os filhos também são obrigados a ajudar na manutenção dos pais necessitados, conforme previsto no artigo 399 do Código Civil⁸⁶, em seu parágrafo único:

⁸⁵LUFT, Lya. **Canção na Plenitude “Secreta Mirada”**. São Paulo: Mandarim, 1997, p. 151.

⁸⁶BRASIL. **Código Civil**. Lei 10.406, de 10 de janeiro de 2002 (atualizado).

No caso de pais que, na velhice, carência ou enfermidade, ficaram sem condições de prover seu próprio sustento, cabe aos filhos maiores e capazes, o dever de ajudá-los e ampará-los, com a obrigação irrenunciável de assisti-los e alimentá-los.

A situação social da pessoa idosa no Brasil revela a necessidade de discussões mais aprofundadas sobre as relações do idoso na família e na sociedade. Existe muito mais teoria legislativa do que prática de assistência.

Nesse contexto sucumbimos à tentativa de demonstrar a situação social do idoso delineada por questões pertinentes aos aspectos demográficos, epidemiológicos e psicossociais, evidenciando a aposentadoria e a relação afetiva e familiar.

Acredita-se que tais aspectos, embora já amplamente discutidos e também publicados nos mais diversos veículos de divulgação do conhecimento, não se encontram esgotados na sua temática e continuam merecendo destaque e atenção; de igual forma, as discussões verticalizadas voltadas para a inclusão social do idoso indígena ou não.

2.3.2 Uma cartilha para o idoso

A Política Nacional do Idoso, objetivando criar condições para promover a longevidade com qualidade de vida, elaborou uma cartilha na qual coloca em prática ações voltadas, não apenas para os que estão velhos, mas também para aqueles que vão envelhecer, bem como lista as competências das várias áreas e seus respectivos órgãos executores.

Segundo a cartilha, são responsáveis pela Política Nacional do Idoso: os Ministérios da Previdência e Assistência Social, da Educação, da Justiça, da Cultura, do Trabalho e Emprego, da Saúde, do Esporte e Turismo, do Transporte, do Planejamento, Orçamento e Gestão.

Na relação do que compete às entidades públicas, encontram-se importantes obrigações como estimular a criação de locais de atendimento aos idosos, centros de convivência, casas-lares, oficinas de trabalho, atendimentos domiciliares e

outros; apoiar a criação de universidade aberta para a terceira idade e impedir a discriminação do idoso e sua participação no mercado de trabalho.

Na cidade de Porto Seguro, na Bahia, no Campus do Instituto de Educação Tecnológica foi inaugurada a Licenciatura Intercultural Indígena. Esta iniciativa pode ser um passo decisivo para a universidade aberta à terceira idade voltada para povos indígenas que, por sua localização, vai beneficiar muito os povos Pataxó, Tupinambá, Maxacali e Pataxó Hã Hã Hãe.

Dentre as atribuições vinculadas ao Estado, o Ministério Público possui a missão constitucional de garantir os direitos da pessoa idosa. Acreditamos que a eficácia desse órgão poderia ser maior se houvesse uma delegacia específica para assistir aos idosos indígenas.

A cartilha se destina a divulgar as leis direcionadas aos idosos e mostrar o papel de cada agente - governo, sociedade, família e o próprio idoso - na efetivação das garantias previstas na legislação, especialmente na Lei nº 8.842, de 1994, que instituiu a Política Nacional do Idoso. Dessa forma a cartilha visa assegurar ao idoso todos os direitos da cidadania, garantindo sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade, o bem-estar e o direito à vida.

Na reserva indígena de Coroa Vermelha esse material não é do conhecimento e nem é disponibilizado para as pessoas idosas, que em sua maioria não sabem ler nem escrever. A tradição indígena se caracteriza pela transmissão do conhecimento através da oralidade. Conseqüentemente, é provável que muitos dos direitos que lhes são assegurados, como a qualquer cidadão brasileiro, são desconhecidos.

Isso exigiria a implantação de um sistema de informação que promovesse a divulgação dos serviços oferecidos, dos planos, dos programas e dos projetos em cada nível de governo. Em caráter educativo, proporcionaria a toda a população, os conhecimentos sobre os aspectos psicossociais do envelhecimento, sobre as questões ligadas à saúde do idoso, os seus direitos, as obrigações dos parentes e da comunidade. Para que assim, o idoso possa ser assistido e ter seus direitos exigidos e respeitados na família, nas instituições civis e religiosas e nos órgãos públicos e privados.

A cartilha esclarece acerca da assistência social que deve amparar as pessoas necessitadas, sem que estas precisem contribuir financeiramente para receber os benefícios. Contudo, nos deparamos com uma sociedade não indígena e

que presta estes serviços e que é preconceituosa. O impacto da diferença cultural é sentido, especialmente, no atendimento que é prestado aos indígenas nos órgãos públicos, de modo geral.

Constitui obrigação do Estado acompanhar os idosos para que caminhem com as próprias forças, cuidando para que haja a prestação de serviços e o desenvolvimento de ações voltadas para o atendimento das necessidades básicas do idoso, mediante a participação da família, da sociedade e de entidades governamentais e não-governamentais.

Na Reserva Indígena de Coroa Vermelha existe toda uma movimentação no sentido de obter a “aposentadoria”, que de certa forma se torna a renda de toda a família. Assim, todos se empenham no sentido de agilizar a documentação e viabilizar a locomoção do “velho” ou da “velha” para o encaminhamento à perícia médica. Fica transparente a idéia que a aposentadoria representa o auge que garante um envelhecer assistido.

2.3.3 Instrumentos de acompanhamento e controle

Cabe ao Ministério Público velar pelos direitos da pessoa idosa. O Ministério Público atua investigando qualquer notícia de desrespeito ou violação dos direitos do idoso, desde que se trate de direitos coletivos como, por exemplo, o direito de preferência no atendimento, ou de direitos individuais indisponíveis, como o direito à alimentação.

Quando o direito reclamado pelo idoso é individual e disponível, ou seja, quando ele pode abrir mão desse direito, a pessoa interessada deve procurar um advogado, a Defensoria Pública ou outros órgãos responsáveis pelo direito reclamado. No caso de reclamação contra órgão federal, se for direito coletivo ou individual indisponível deve procurar o Ministério Público Federal. Na hipótese de reclamações envolvendo direito coletivo do trabalho, o órgão que pode atuar é o Ministério Público do Trabalho.

Nas situações individuais, pode-se reclamar diretamente na Justiça do Trabalho ou nas Delegacias Regionais do Trabalho. Todo cidadão tem o dever de denunciar qualquer forma de negligência ou desrespeito ao idoso.

2.3.4 Papel do idoso na participação e defesa de seus direitos

Segundo orientações da Cartilha para o idoso, este, pessoalmente, ou por meio de associações, deve impor sua presença dentro da sociedade. Nunca deve sentir-se inferior ou incapaz diante das pessoas mais jovens. Sempre que sofrer abusos e sentir que seus direitos não estão sendo respeitados, deve levar o problema às autoridades competentes, mesmo que o desrespeito seja praticado por familiares. Quando sentir necessidade de passar procuração para alguém cuidar de seus interesses, deve escolher com bastante critério e exigir que a pessoa escolhida preste contas periodicamente.

Na comunidade Pataxó visitada percebemos uma relação de confiança mútua maior nessa relação que envolve aspectos financeiros com as pessoas idosas; não há registro pelo vice-cacique de abusos ou desvios. Se ocorrer, a primeira autoridade que há de tomar conhecimento é o cacique, que deverá encaminhar as providências legais.

3 OS ÍNDIOS PATAXÓ

(...) O que seria o fim aparente
 Foi o recomeço consciente
 De um povo massacrado
 Em busca do seu passado.
 Gritos de guerra *foi dado (sic)*
 Pelo sangue derramado
 Justiça! Justiça! Justiça!
 Ecoa na Serra do Ororubá
 Hoje o teu sonho estamos vivendo
 A grande Nação se levantou
 Povo guerreiro, Valente.
 Que você, um dia, sonhou.⁸⁷

Os europeus denominaram os habitantes das Américas de índios, por terem se enganado e pensarem haver chegado às Índias. No entanto, mesmo depois de descobrirem que não estavam na Ásia, se situavam em um continente até então desconhecido, e continuaram a chamá-los assim, sem fazer distinção entre as muitas etnias da nova terra descoberta. Na verdade julgavam todos iguais.

Marés⁸⁸ faz referência que a denominação “índios” foi determinada pelos “brancos” que, de forma invasiva, impuseram uma nova língua, usos, costumes, crenças e os tornaram escravos dentro do território que até aquele momento lhes pertencera.

3.1 Quem são os índios

No início, era fácil distinguir entre os invasores, o homem branco europeu, e os invadidos, os não brancos, a quem os invasores chamaram de índios. Hoje, depois de mais de 500 anos, essa distinção não é feita com muita facilidade.

A autoidentificação étnica é o critério que vem sendo mais aceito por aqueles que se dedicam à temática indígena. No texto "Culturas e línguas indígenas do

⁸⁷ **Salve os povos Indígenas!** Aldeia Vila de Cimbres, 20 de julho de 2008.

⁸⁸ MARÉS, C. F. **O direito envergonhado: o direito e os índios no Brasil.** In: Grupioni, L.D.B. (org.). *Índios no Brasil.* São Paulo, SMC, 1992

Brasil",⁸⁹ o indígena foi definido como uma parte da população brasileira que apresenta problemas de inadaptação a esta mesma sociedade brasileira, devido à conservação de traços culturais advindos de uma tradição pré-colombiana.

Em paralelo há uma definição adotada pelo Estatuto do Índio⁹⁰ que normatizou as relações do Estado brasileiro com as populações indígenas até a promulgação da Constituição de 1988. Ou seja, um grupo de pessoas pode ser considerado indígena ou não se estas pessoas se considerarem indígenas, ou se assim forem consideradas pela população que as cerca. Mesmo sendo o critério mais utilizado, ele tem sido colocado em discussão, pois a (auto)declaração de ser ou não ser indígena também envolve interesses de ordem política.

Por outro lado, os indígenas são vistos pela sociedade brasileira, ora de forma preconceituosa, ora de forma idealizada. A idealização se expressa desde a época da primeira fase do romantismo no Brasil, especialmente com José de Alencar, nos romances o *Guarani*, *Iracema*, *Ubirajara*, cujos personagens mais se aproximavam dos cavalheiros medievais. Os escritores nacionalistas apresentaram o índio como o bom selvagem, o herói, aquele que vive em harmonia com toda a natureza.

O modo de ver o índio de forma preconceituosa e excludente ganha maior expressão entre as populações rurais que necessitam disputar as oportunidades de sobrevivência com os indígenas que aí vivem. Por isso, chamam-nos de ladrões, traiçoeiros, preguiçosos e beberrões.

Embora, Darcy Ribeiro⁹¹ afirme que, infelizmente, tais adjetivos se apresentam como verdadeiros e que têm como uma das causas:

(...) o espezinhamento e a sufocação das crenças tribais. (...) a negação abrupta e insofismável dos valores em que se fundamentava o respeito de uns em relação aos outros, das justificativas tradicionais para as ações que a tribo sempre teve como certas e necessárias, ou da legitimidade das sanções que recaiam sobre o comportamento tido como reprovável.

Os índios, às vezes, são considerados a partir de um conjunto de imagens e crenças amplamente disseminadas pelo senso comum: eles são os donos da terra e

⁸⁹SILVA, Washington Luiz Alves da. **Os índios no Brasil**: A origem dos povos americanos. GeoMundo 2004.

<http://www.geomundo.com.br/mato-grosso-do-sul-50124.htm>. Acesso em: 22/06/2010.

⁹⁰BRASIL. **Estatuto do Índio** (Lei nº.6.001, de 19.12.1973).

⁹¹RIBEIRO, Darcy. O índio e a civilização. **A integração das populações indígenas no Brasil moderno**. 6. ed. Petrópolis, Vozes, 1993. p. 213.

seus primeiros habitantes, aqueles que sabem conviver com a natureza sem depredá-la.

São também vistos como parte do passado e, portanto, como estando em processo de desaparecimento, muito embora, nas três últimas décadas, tenha sido constatado o crescimento da população indígena.⁹²

Recentemente, o cenário parece ser mais otimista para algumas reservas indígenas, onde os índios começaram a ser vistos como contemporâneos que vivem no mesmo país, compartilhando problemas semelhantes como as consequências da poluição ambiental e das diretrizes e ações do governo nas áreas da política, economia, saúde, educação e administração pública em geral.

No que diz respeito à identidade étnica, para os antropólogos as mudanças ocorridas em várias sociedades indígenas, como o fato de falarem português, vestirem roupas iguais às dos não indígenas com quem estão em contato, utilizarem modernas tecnologias (como câmeras de vídeo, máquinas fotográficas e aparelhos de fax), não significa a perda de sua identidade étnica e que, portanto, deixam de ser índios. Porém, para as comunidades com as quais eles se avizinham, o entendimento é que ao perderem as suas culturas originais já não sejam mais índios.

Esse sentimento de falta de pertencimento é uma das maiores angústias desses povos que não se sentem indígenas e, tampouco, não indígenas. A diversidade cultural pode ser enfocada tanto sob o ponto de vista das diferenças existentes entre as sociedades indígenas e as não indígenas, quanto sob o ponto de vista das diferenças entre as muitas sociedades indígenas que vivem no Brasil.

Uma mesma sociedade indígena pode ter subgrupos com culturas diferentes e, até mesmo divergentes, influenciados pela separação que foi promovida na tentativa de dizimá-los, pela qual as pessoas das mesmas tribos se distribuíram para diferentes locais na fuga e tiveram que se adaptar ao modelo de civilização imposto nos lugares onde se esconderam e/ou tiveram que trabalhar. As tribos dos Pataxó, por exemplo, tiveram que se refugiar em diversas regiões da Bahia, dando origem a outra tribo da mesma raiz, os Pataxó Hã Hã Hae, localizados mais ao extremo sul da Bahia, e com cultura e costumes um pouco diferentes.

⁹²BRASIL. **Diversidade das Sociedades Indígenas** - Ministério da Justiça, 2003. portal.mj.gov.br/.../MJA63EBC0EITEMIDFA0430E7648D419180475685478. <http://www.funai.gov.br/indios/conteudo.htm>. Acesso em 03/09/2010.

3.2 Como vivem os Pataxó

“Quando o branco achou o Brasil, já tinha índio no mundo para contar a história para as pessoas”⁹³. Essa é uma referência objetivamente direta quanto à importância e ao papel dos idosos para suas comunidades indígenas.

Antes do não índio, o povo Pataxó era livre. O sustento vinha das raízes, frutos, caças, peixes, mariscos. E de acordo com a memória dos “velhos” (aqui voltamos a nos apropriar da expressão “velho” porque é a fala do povo Pataxó), a “nossa tribo” se espalhava por várias áreas do interior da Bahia até parte do Espírito Santo. Eles viviam em bandos, entre as bacias dos rios João Tiba e São Mateus, ao sul, e Pardo e Contas, ao norte, convivendo com outros índios (etnias).

Dos antigos Pataxó, Aguiar⁹⁴ afirma que viviam também no Planalto da Conquista. Eram nômades e foram uma das últimas tribos a serem vencidas pelos não indígenas em Vitória da Conquista.

Os Pataxó se aliavam a outras tribos para se fortalecer e combater seus inimigos. Faziam dos vencidos, escravos. Aguiar retrata o quadro quando diz: “Os Pataxó haviam se aliado com os Maxacari, contra os Ymborés (sic), e tratavam como escravos os prisioneiros, tentando até vendê-los”.⁹⁵

Atualmente, os Pataxó estão no Sul da Bahia, em Barra Velha, Coroa Vermelha e Monte Pascoal, em zona economicamente valorizada, por produzircacau e ser um pólo turístico dos municípios de Porto Seguro e Santa Cruz Cabrália, e nas áreas indígenas Mata Medonha e Imbiriba.

O habitat dos Pataxó compreende uma área litorânea com ocorrência de mangues e terrenos arenosos junto à costa, e faixas de campo e floresta nas áreas mais interiores. O clima do local em que vivem é tropical, quente e úmido. Estas condições climáticas, segundo os Pataxó, favorecem que “os velhos” se mantenham fortes.

⁹³Tururim, ex-cacique de Barra Velha *in* ANAI/CESE/MEC, 2007. ANAI. Associação Nacional de Ação Indigenista . Uma História de Resistência. ANAI/CESE/MEC, 2007 . Página 7.

⁹⁴AGUIAR, Ednalva Padre. **A presença indígena no planalto da Conquista**. Vitória da Conquista, UESB, 2000. p. 32.

⁹⁵AGUIAR, Ednalva Padre. **A presença indígena no planalto da Conquista**. Vitória da Conquista, UESB, 2000. p. 32.

Os Pataxó abandonaram sua língua original em 1990. Pelo último censo eram aproximadamente 1.600 índios e expressavam-se apenas em português.⁹⁶ Atualmente, tentam retomar seu dialeto com o reforço de iniciativas como o curso superior de Licenciatura Intercultural Indígena, oferecido pelo Instituto de Educação Tecnológica - IFBA (Porto Seguro - 2010) e também pela Universidade do Estado da Bahia (Teixeira de Freitas) - UNEB.

Em 1861, foi criada a aldeia de Barra Velha, entre as vilas de Prado e Porto Seguro. A iniciativa tinha o objetivo de abrigar e isolar as famílias indígenas ainda “selvagens”, em benefício das vilas regionais. A população aí reunida certamente era majoritariamente Pataxó, mas também composta por Maxacalis, Botocudos, Tupiniquins e Kamakãs.⁹⁷

Tal empreendimento parece ter sido bem sucedido, uma vez que, após a fundação desta aldeia, somente na década de cinquenta do século XX se voltou a ter notícias da existência de populações indígenas no extremo sul da Bahia. A imprensa regional registrou o trágico acontecimento que envolveu a aldeia de Barra Velha. Esse fato foi denominado de ‘Fogo de 51’.⁹⁸

Esta foi uma época não apenas de dizimação e fuga mais também de fome e miséria entre os povos indígenas na Bahia. Ao levante de 1951 seguiu-se uma violenta repressão policial. As perseguições a que foram submetidos os índios impeliram um grande número de índios, especialmente Pataxó, a se dispersarem pela região. O êxodo dos Pataxó de Barra Velha acabou por dar origem, de forma sucessiva, a uma série de outras aldeias, caracterizando-se aquela como “Aldeia Mãe”, tanto genealógica quanto simbolicamente.

Em meio a esse intenso fluxo migratório é fundada, já em 1972, a aldeia de Coroa Vermelha, que se constitui, na atualidade, como a maior entre as vinte e duas aldeias Pataxó do extremo-sul baiano, possuindo cerca de 4.000 habitantes.

Situada no perímetro urbano do município de Santa Cruz Cabrália, Coroa Vermelha teve como motivação principal para a sua fundação o mercado de

⁹⁶DOS SANTOS, Scheila TORRES, Ofélia e MORALES, Elisa. **Idosos Indígenas e Comunicação: olhares e aproximações.** Disponível em: http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/5/5c/Idosos_Indigenas.pdf. Acesso em 25/6/2010.

⁹⁷SAMPAIO, José Augusto. **Efeitos da fábrica nova da Veracel e da ampliação em 30% da área plantada com eucalipto no Extremo Sul da Bahia para as comunidades indígenas locais.** Salvador: e-mail enviado pela rede da Associação Nacional de Ação Indigenista – ANAIND. 1996.

⁹⁸MIRANDA, Sarah Siqueira de. **A Construção da Identidade Pataxó: práticas e significados da experiência cotidiana entre crianças da Coroa Vermelha.** Salvador-Bahia: UFBA, 2006. p. 21.

artesanato, que se apresentou, à época, como alternativa para a subsistência de inúmeras famílias radicadas na aldeia de Barra Velha e em áreas vizinhas.

Ainda em 1974, foi construído o marco da primeira missa realizada no Brasil em 1500 e foram pavimentadas as rodovias BR-101 e BR-367, que seriam fundamentais à impulsão do turismo na região.

Neste mesmo ano, a Prefeitura de Santa Cruz Cabrália mandou construir em torno do monumento, casas de planta arredondada e cobertura de piaçava, de modo a atrair o fluxo de turistas e dar início, de certo modo, à configuração de um turismo “étnico” na região. O turista estrangeiro, que prevalece mais nessa região, espera encontrar o índio atual na mesma descrição da literatura e da pintura que conhecem.

A aldeia é composta por duas áreas definidas como glebas “A” e “B”. A primeira é caracterizada como urbana e sua atividade principal é o comércio. A segunda, embora próxima à primeira pode ser caracterizada em total contraste com a primeira.⁹⁹

Coroa Vermelha localiza-se a oito quilômetros ao sul da sede do município de Santa Cruz Cabrália e quinze quilômetros ao norte da sede do município de Porto Seguro, entre a praia e a pista da BR-367.¹⁰⁰ Em 1997, a demarcação e posse do seu território foram efetivadas (com área de 1493 hectares), o que não impediu a permanência na terra Indígena, de moradores não índios.

Essa convivência decorre do fato, sobretudo, do grande número de casamentos entre índios e não índios, o que assegura, via de regra, a fixação, na aldeia, não apenas do cônjuge não índio, mas, inclusive, de seus parentes. Às margens da estrada, de um lado e de outro, há inúmeros centros comerciais, entre lojas dos mais diversos tipos, supermercados, farmácias, *lan houses*, lojas de vídeo games, templos evangélicos, restaurantes e, recentemente, dois postos de gasolina. Nesses espaços não se vê praticamente a presença “dos velhos”, que preferem usufruir de suas aposentadorias e vez ou outra se ocupar com o cultivo da lavoura ou da pescaria. Habitualmente, não gostam do contato com os “estranhos”.

⁹⁹SAMPAIO, José Augusto. **Efeitos da fábrica nova da Veracel e da ampliação em 30% da área plantada com eucalipto no Extremo Sul da Bahia para as comunidades indígenas locais.** Salvador: e-mail enviado pela rede da Associação Nacional de Ação Indigenista – ANAIND. 1996. p. 42.

¹⁰⁰MIRANDA, Sarah Siqueira de. **A Construção da Identidade Pataxó: práticas e significados da experiência cotidiana entre crianças da Coroa Vermelha.** Monografia apresentada ao Departamento de Antropologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006. p. 23-24.

Aos índios, apesar de sua fonte de renda depender da fabricação e venda de artesanato (utensílios em madeira e ornamentos produzidos com sementes), a própria configuração espacial da aldeia possibilita opções de inserção no mercado de trabalho não indígena: há índios empregados em lojas comerciais do entorno, pastores evangélicos, vendedores ambulantes, funcionários nas redes hoteleiras, funcionários públicos, dentre outras atividades.

Há aqueles que exercem funções administrativas dentro da aldeia, como administrador do *shopping* indígena, cargo exercidos junto à Prefeitura de Santa Cruz Cabralia, funcionários da Reserva da Jaqueira, professores indígenas, funcionários da FUNAI (Fundação Nacional do Índio), agentes de saúde da FUNASA (Fundação Nacional de Saúde). Nesse espaço há um centro de atendimento geral e, segundo nossa visita à reserva, não há um centro geriátrico, sendo a população idosa atendida igualmente como os demais.

No V Centenário do Descobrimento do Brasil, a gleba “A” passou por uma série de reformas: implantação, pelo Ministério da Cultura, de um Conjunto Cultural que integrava a Escola Indígena, o Centro de Saúde, Oficinas de Fitoterapia, Horta Medicinal e o Centro Cultural Pataxó. Na parte turística, a antiga cruz de pau-brasil foi substituída por uma em granito, idealizada pelo artista baiano Mário Cravo Neto; a extensão da BR-367, que conduzia ao antigo cruzeiro, foi substituída por um passeio de paralelepípedo, exclusivo para pedestres, e em torno do qual foram dispostas barracas de artesanato indígena; foram edificadas um museu e um *shopping* indígenas (com lojas de artesanato), ambos obedecendo a uma arquitetura indígena ‘tradicional’.¹⁰¹

De maneira simplificada, as transformações estruturais sofridas por Coroa Vermelha segregaram a aldeia em dois centros: o primeiro, turístico, para o qual aflui, cotidianamente, grande leva de visitantes; e, o segundo, fora do alcance dos turistas, no qual está localizada a maior parte das casas, e cujo cenário se assemelha a uma grande periferia urbana.

3.3 A reserva indígena Pataxó de Coroa Vermelha

A aldeia Pataxó de Coroa Vermelha está localizada em Santa Cruz Cabralia, nos limites dos rios Mutá e Mutari, alcançando a BR-367, que liga o município a

¹⁰¹MIRANDA, Sarah Siqueira de. **A Construção da Identidade Pataxó**: práticas e significados da experiência cotidiana entre crianças da Coroa Vermelha. Salvador-Bahia: UFBA, 2006. p. 25.

Porto Seguro. Tem uma área de 77 ha. Nas proximidades, dentro da Mata Atlântica, há uma Reserva Indígena de cerca de 2500 ha. Sua população compreende umas 30 famílias puras e mais de 200 miscigenadas. Aquele biotipo indígena idealizado pelo europeu aqui sofreu uma total mutação.

Consta que a aldeia se originou com a chegada da família do pajé Itambé, em 1972, vinda da reserva indígena de Barra Velha. O pajé Itambé, cujo nome de batismo é Alberto Espírito Santos Matos, 65 anos, tem loja de artesanato e farmácia homeopática. É a figura mais conhecida da comunidade, junto com o índio Boré, muito requisitado por seus trabalhos de curandeirismo.

Os Pataxó de Coroa Vermelha vivem, basicamente, do artesanato e, uns poucos, das roças da mandioca e do milho, praticadas na Reserva Indígena, bem como da pesca realizada no mar. O artesanato consta basicamente de "(...) coisas de pena, chocalho, leque, tanga, arco e flecha, gamela, colher de pau (...) "¹⁰², e é vendido pelos índios, vestidos a rigor.

Há uma escola de primeiro grau dentro da comunidade, com professores(as) índios(as) que procuram preservar os costumes e as tradições indígenas. Cerca de 244 alunos frequentam as salas de aulas. No momento presente, os Pataxó tentam resgatar a sua língua nativa através do ensino obrigatório da língua Pataxó, denominada língua maxacali (*patxôhã*).

Um Posto Médico da FUNAI atende aos índios, com a presença semanal de um médico. Normalmente os índios procuram os Postos Médicos e Hospitais de Santa Cruz Cabrália, Porto Seguro e Belmonte. Não há um registro específico da procura das pessoas idosas das tribos. Preferentemente, os mais velhos usam medicamentos naturais extraídos das plantas.

A qualidade de vida dos índios de Coroa Vermelha não é satisfatória, pois a roça produz pouco e a pesca é modesta. A venda do artesanato é fraca, "(...) tem dia que a gente vende nada (...) bem pouco". "O índio tem vez que está, até, passando fome aqui".¹⁰³ Muitas casas de índios, de condições precárias, não têm gás de cozinha, luz elétrica e água encanada. Nesses casos, a água é recolhida no chafariz da escola. Alguns índios abandonaram o artesanato e vivem da venda de bebidas alcoólicas e cigarros, em birosacas.

¹⁰²MIRANDA, Sarah Siqueira de. **A Construção da Identidade Pataxó**: práticas e significados da experiência cotidiana entre crianças da Coroa Vermelha. Salvador-Bahia: UFBA, 2006. p. 24.

¹⁰³MIRANDA, Sarah Siqueira de. **A Construção da Identidade Pataxó**: práticas e significados da experiência cotidiana entre crianças da Coroa Vermelha. Salvador-Bahia: UFBA, 2006. p. 24.

Outro aspecto relevante para a sobrevivência do povo Pataxó, na região do extremo sul da Bahia, diz respeito ao território tradicional dos Pataxó de Barra Velha, através da criação do Parque Nacional do Monte Pascoal.

Esta área de terra passou a ser objeto de disputa entre os índios e o IBDF (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal). Os primeiros enfrentaram um longo período de privações decorrente da proibição de utilização econômica do seu próprio território, imposta por aquele órgão – situação que motivou uma grande dispersão dos Pataxó, compelidos a buscar meios de subsistência em outras áreas.

O encaminhamento de uma solução para esse problema tem se prolongado numa discussão que já dura vinte anos e, mais recentemente, a FUNAI e o IBDF chegaram a um acordo que destina aos Pataxó apenas 8.720 hectares dos 22.500 que compõem o Parque.

Além de ser esta uma área extremamente reduzida para as necessidades da sociedade Pataxó, abrange, em sua maior parte, terrenos impróprios para a agricultura (brejos, faixas arenosas e campos), o que tem provocado fortes manifestações de insatisfação e revolta por parte dos Pataxó. Os “velhos” também se manifestam nessas reivindicações, através da atuação direta ou do aconselhamento.

As atividades econômicas básicas compreendem a agricultura, a coleta vegetal e animal, a pesca, a extração vegetal de piaçava e de madeira, a produção artesanal, atividades de comércio (produtos industrializados) e caça.

A agricultura é a atividade dominante, realizada em pequenas roças familiares, sendo seu principal produto a mandioca, seguido da cana-de-açúcar, milho, arroz e feijão, dentre outros. Os “velhos” que estão em condição laboram nas lavouras para complementar a renda da aposentadoria, que como na comunidade não indígena, às vezes, é a única renda familiar.

A criação de animais é pouco desenvolvida, limitando-se a animais de carga e à criação doméstica. A coleta predominantemente animal (crustáceos e mariscos) é praticada nos manguezais e nos arrecifes fronteiros à praia. Pratica-se também a pesca marítima, fluvial e de mangue.

Organizam-se em famílias nucleares, constituída cada unidade de seis membros em média, onde as crianças, desde muito cedo, participam das atividades domésticas. A divisão social do trabalho é pouco rígida, embora aquelas poucas atividades que exijam maior dispêndio de energia sejam caracterizadas como mais

propriamente masculinas, e haja pessoas que se destacam como artesãos e pescadores. As tarefas que dependem de maior quantidade de força de trabalho são realizadas de forma cooperativa, entre várias unidades familiares.

O cacique é o representante político do seu povo, servindo como intermediário entre os Pataxó e a sociedade nacional, sobretudo a FUNAI. O seu papel político nos limites da aldeia é sempre exercido com o apoio dos chefes de família, prevalecendo a sua condição de mediador. A participação das mulheres é igualitária, “desde quando não atrapalha”, segundo relato oral do vice-cacique Benedito. O indígena é monogâmico.

Hoje, não são mais encontradas práticas dos rituais indígenas Pataxó. A prevalescência das raízes culturais existem tão somente nas lembranças do ‘tempo antigo’, as quais são contadas pelos mais “velhos”, sendo que entusiasmam mais as crianças que aos demais.

O próprio pajé Pataxó de Coroa Vermelha converteu-se ao protestantismo, relegando as rezas, as benzeduras e os rituais do seu povo e se negando a transmitir seus conhecimentos ao sucessor como é da *práxis* desses povos.

As festas existentes confundem-se com o calendário católico regional, destacando-se as de Nossa Senhora da Conceição e de São Sebastião.

A existência de um Posto Indígena na área representa, sobretudo, o poder da sociedade nacional não indígena e interfere, na maioria das vezes negativamente, nas relações entre os índios.

Sua atuação, restrita apenas a Barra Velha, orienta-se predominantemente para o exercício de uma assistência educacional, econômica e de saúde, desvinculada das tradições e dos verdadeiros interesses dos Pataxó, de cujas decisões estes não participam. O Posto Indígena mantém uma escola na qual o ensino (até o quinto ano do Ensino Fundamental) segue o padrão dos currículos oficiais, sem atentar para as características culturais próprias do povo Pataxó.

Há também na aldeia uma enfermaria que, embora bem equipada, funciona precariamente. As visitas da equipe médica são muito esporádicas e são comuns os casos de disenteria, carência nutricional e doenças reumáticas. Por outro lado, esses profissionais não são treinados a trabalhar com a cultura específica dos indígenas, impondo medidas profiláticas e terapêuticas inadequadas que não serão cumpridas.

3.4 Políticas sociais de proteção ao idoso indígena

A Lei 6.001, de 19 de dezembro de 1973, dispõe sobre o Estatuto do Índio. Foi criado em 1973¹⁰⁴ em um período onde os povos da floresta viviam sobre a constante ameaça de grileiros, entre outros latifundiários. Em 1988, a Constituição da República Federativa do Brasil reconheceu a diversidade e a especificidade dos índios no país e mudou algumas concepções ideológicas.

O Art. 1º da citada lei preconiza:

Esta lei regula a situação jurídica dos índios ou silvícolas e das comunidades indígenas, com o propósito de preservar a sua cultura e integrá-los, progressiva e harmoniosamente, à comunhão nacional.

Para Darcy Ribeiro (1993), tal propósito não se realizou, a saber nem a preservação, nem a integração:

Podemos dizer que não foram assimilados à sociedade nacional como parte indistinguível dela. Ao contrário dessa expectativa, a maioria deles foi exterminada e os que sobreviveram permanecem indígenas: já não nos seus hábitos e costumes, mas na auto-identificação como povos distintos do brasileiro e vítimas de sua dominação.¹⁰⁵

Em termos legais, aos índios e às comunidades indígenas se estende a proteção das leis do País, nos mesmos termos em que se aplicam aos demais brasileiros, resguardados os usos, costumes e tradições indígenas, bem como as condições peculiares reconhecidas nessa Lei.

O artigo 54 do Estatuto do Índio afirma que os índios têm direito aos meios de proteção e à saúde, facultados à comunhão nacional. Na infância, na maternidade, na doença e na velhice também devem ser assegurados ao silvícola, especial assistência dos poderes públicos em estabelecimentos para esse fim destinados.

O artigo 55 da citada lei também afirma que o regime geral da previdência social será extensivo aos índios, atendidas as condições sociais, econômicas e culturais das comunidades beneficiadas.

¹⁰⁴Disponível em: <<http://www.funai.gov.br>>. Acesso em: 10 nov. 2010.

¹⁰⁵RIBEIRO, Darcy. **O índio e a civilização, A integração das populações indígenas no Brasil moderno**. 6. ed. Petrópolis, Vozes, 1993. p. 8.

Na Constituição Federal de 1988, em seus artigos 229 e 230, fica determinado que os pais tenham o dever de assistir, criar e educar os filhos menores. Também é imperativo que os filhos maiores tenham o dever de ajudar e amparar os pais na velhice, carência ou enfermidade. A mesma base conceitual de direitos e deveres das comunidades não indígenas.

A família, a sociedade e o Estado devem amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida.

Vê-se então que do ponto de vista legal, o idoso Pataxó tem direitos iguais aos idosos não indígenas. Porém, em que medida no dia a dia, seus problemas são os mesmos? Terão eles as mesmas dificuldades? Enfrentam as mesmas necessidades?

3.5 O idoso Pataxó na reserva de Coroa Vermelha

Na maior parte das sociedades indígenas, os idosos cuidam da transmissão oral da história dos traços culturais como a mitologia, os rituais e os costumes, elementos fundamentais para a sobrevivência dos povos. “No Brasil, existem cerca de 220 etnias indígenas e, em grande parte delas, a figura do ancião é valorizada como um arquivo vivo”.¹⁰⁶

Guto Paschoal¹⁰⁷ afirma ainda que a valorização das tradições passou a ser mais freqüente, principalmente a partir das organizações políticas e sociais que aconteceram nas últimas décadas para exigir o respeito aos direitos indígenas e a demarcação das terras.

Esses processos utilizam “os velhos” como principal fonte para o resgate cultural das tradições que foram abandonadas e perdidas com o contato com as áreas urbanas.

¹⁰⁶PASCHOAL, Guto. **Anciãos transmitem cultura indígena**. 2002. Disponível em: <http://www.comciencia.br>. Acesso em 25 de junho de 2010. p. 2-3.

¹⁰⁷PASCHOAL, Guto. 2002. Acesso em 25 de junho de 2010.

A pesquisadora Nádia Farage¹⁰⁸, do Departamento de Antropologia Social da Unicamp, diz que não dá para afirmar que todos os povos indígenas têm a mesma relação com os seus idosos "mas, via de regra, há essa tendência de maior valorização dos mais velhos que são os depositários da memória dos povos".¹⁰⁹ Ela destaca que "os velhos" são vistos como uma marca do passado no presente, como uma dobradiça do tempo. "A realidade para eles é só o presente e o passado só existe na linguagem dos velhos".¹¹⁰

O antropólogo Robin Wright apud Paschoal¹¹¹ refere que há algumas sociedades em que "os velhos" não têm tanta importância. Na mesma esteira, Paschoal constata:¹¹² "Isso acontece com os povos nômades, onde os velhos não conseguem acompanhar e atrapalham." Não há lugar para eles nessas sociedades. Mas nas sociedades mais fixas, onde existe a agricultura, os idosos têm um lugar privilegiado.

Além da transmissão dos conhecimentos, os idosos têm outras importantes funções, como a de liderar os cantos e as danças e a condução de vários rituais. Em relação aos costumes, os mais velhos são os responsáveis por ensinar o artesanato e as técnicas da construção das casas para os mais jovens, além de contar a mitologia do povo.

Na Reserva Pataxó de Coroa Vermelha entre os jovens e os idosos há uma relação de respeito, embora haja alguns atritos provenientes do conflito de gerações e do apoderamento da cultura dos não indígenas. A aldeia tem um conselho de liderança para discutir os assuntos importantes em reuniões mensais, das quais os idosos participam livremente e são ouvidos com respeito e atenção.

As mulheres índias aposentam-se aos 55 anos e os homens aos 60. A partir da aposentadoria o idoso se dedica apenas ao lar ou ao cultivo doméstico. É curioso como o projeto de vida gira em torno da obtenção da "sonhada aposentadoria".

Os idosos indígenas também são vítimas de violência doméstica e, às vezes, ocorrem exploração e maus tratos à pessoa idosa indígena, especialmente pelo consumo de álcool e drogas, um dos males que contaminaram essas aldeias muito próximas dessa região de tráfico intenso. Quando se dá a denuncia, o cacique é que

¹⁰⁸PASCHOAL, Guto. **Anciãos transmitem cultura indígena**. SBPC/ Iabjor Brasil, 2002. Disponível em: <http://www.comciencia.br>. Acesso em 25 de junho de 2010. p. 2.

¹⁰⁹PASCHOAL, Guto. 2002. p. 2.

¹¹⁰PASCHOAL, Guto. 2002. p. 2.

¹¹¹PASCHOAL, Guto. 2002. p. 2.

¹¹²PASCHOAL, Guto. 2002. p. 2.

tem a responsabilidade de tomar as providências e fazer o encaminhamento legal junto às autoridades.

Em Coroa Vermelha, a pessoa mais idosa da aldeia tem cerca de 90 anos. De modo geral se observa que há bastante longevidade entre a população indígena, que atravessa as perseguições e expulsões dos não indígenas.

Há muitas atividades de lazer das quais os idosos gostariam de participar com os jovens, mas estes já não praticam os costumes indígenas e suas atividades de lazer se aproximam mais do costume dos não indígenas. Os velhos se queixam que os jovens bebem e brigam e alguns chegam a usar drogas. Isso os desestimula de participar das festividades gerais; preferem as reuniões familiares e pouco contato com os “estranhos”.

A influência cultural do não indígena se faz notar, prevalecendo os modismos no vestuário, na música, na dança e nos vícios. Os indígenas já não cantam nem praticam as artes nativas com habitualidade. De certa forma, a dizimação das tribos rompeu a cadeia das tradições e da cultura desses povos.

Os costumes religiosos, na atualidade, tem maior relação com o cristianismo do qual participa grande parte dos indígenas, que se confessam católicos ou evangélicos. Os rituais da tradição religiosa indígena já não são praticados. O pajé participa das reuniões da comunidade. As lideranças convidam e insistem para que haja participação de todos.

No que diz respeito à saúde, todo medicamento é distribuído no posto Manoel Siriri. Às vezes faltam remédios e o médico não os atende todos os dias. Não há atendimento diferenciado aos idosos. Os familiares ou o cacique devem providenciar os meios para “o velho” chegar ao atendimento.

No que diz respeito à rotina de vida dos “velhos” Pataxó que ainda têm forças, continuam a labutar na lavoura e na casa de farinha, atividade que lhes dá bastante prazer.

Nas culturas indígenas a importância do papel do pajé é muito grande. A preservação de suas memórias através da tradição da oralidade é central.¹¹³ Portanto, quando este líder que é também o influenciador das novas gerações, passa a abominar as suas crenças, práticas e tradições, se negando a transmitir os

¹¹³DOS SANTOS e TORRES-MORALES, Scheila e Ofélia Elisa. **Idosos Indígenas e Comunicação: olhares e aproximações.** http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/5/5c/Idosos_Indigenas.pdf. Disponível em: <http://www.funai.gov.br>. Acesso em 25/6/2010.

conhecimentos e as práticas de curandeirismo típicas do seu povo há um rompimento com os rituais e, de certa forma, com a própria matriz cultural de sua gente. Logo, dá-se uma espécie de ruptura no relacionamento íntimo com a natureza, como nas origens. E surge a questão: qual seria o novo papel dos “velhos” para essa sociedade?

Sempre vale a pena lembrar a mensagem do ex-Secretário Geral da ONU, Kofi Annam, por ocasião do Dia Internacional das Pessoas Idosas.¹¹⁴ Considerando que há 600 milhões de pessoas idosas no mundo, ele fez um apelo em defesa dos seus direitos:

Todas as comunidades para que trabalhem em prol de políticas e programas suscetíveis de permitir que as pessoas idosas vivam num ambiente que melhore as suas capacidades, promova a sua independência e lhes proporcione apoio e cuidados adequados, à medida que vão envelhecendo.¹¹⁵

¹¹⁴DOS SANTOS e TORRES-MORALES, Scheila e Ofélia Elisa. p.14.

¹¹⁵O tema desenvolvido no Dia Internacional das Pessoas Idosas em 2006 foi “Melhorar a qualidade de vida das pessoas idosas: promover as estratégias mundiais da ONU”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Olha estas velhas árvores, mais belas
Do que as árvores moças, mais amigas,
Tanto mais belas quanto mais antigas,
Vencedoras da idade e das procelas...

Não choremos, amigo, a mocidade!
Envelheçamos rindo. Envelheçamos
Como as árvores fortes envelhecem,
Na glória de alegria e da bondade,
Agasalhando os pássaros nos ramos,
Dando sombra e consolo aos que padecem!¹¹⁶

O envelhecimento ocorre com todos os seres vivos. É um fenômeno biológico que implica em uma sequência de transformações que limitam, progressivamente, as funções do indivíduo nas últimas etapas da vida. Esse processo acarreta consequências fisiológicas e psicossomáticas, consideradas típicas da idade avançada. São mudanças irreversíveis que começam após a maturidade e terminam com a morte.¹¹⁷

Considerando os aspectos biofisiológicos, o envelhecimento ocorre em todo o processo da vida humana, iniciando-se com o nascimento e terminando com a morte. Ao abordar a aversão do ser humano à velhice, Morin afirma que a vida “começa no útero e termina no túmulo”, por ser esta a fase da vida, que antecede a morte.¹¹⁸

Nesse entrelaçamento de ideias, Morin discute o envelhecimento, afirmando que a velhice e a morte fazem parte da herança genética humana e são “normais e naturais”, porque uma e outra são universais e não sofrem qualquer exceção entre os mortais.¹¹⁹

O idoso é a pessoa que se encontra nos últimos períodos desse processo chamado envelhecimento – fácil de determinar, quando se considera a cronologia, entretanto muito difícil, quando se leva em conta as características das quais as pessoas idosas deveriam ser portadoras.

¹¹⁶BILAC, Olavo. In: **Velhas Árvores**. Disponível em: <http://www.textolivre.com.br/ensaios/17968-a-mulher-de-meia-idade-e-aspectos-da-corporeidade-parte-4>. Acesso em 10.10.2010.

¹¹⁷BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. A realidade incômoda. Tradução de Heloisa de Lima Dantas. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970. Tradução de: Lavieillesse. Paris. Gallimard, 1990. p. 15.

¹¹⁸MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. Rio de Janeiro, Imago, 1997. p. 320.

¹¹⁹MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. Rio de Janeiro, Imago, 1997. p. 320.

Essas características variam entre os indivíduos de uma mesma cultura ou de culturas diversas. As mudanças senis diferem em quantidade, qualidade, intensidade e duração. O modo de lidarmos com esses sinais da senectude do corpo diferenciam o modo de agir dos idosos indígenas dos idosos não indígenas. Para estes, devido ao culto ao que é jovem, bonito, forte e saudável, as dificuldades impostas pela idade parecem ser bem maiores e mais difíceis de serem enfrentadas.

A cultura do não indígena é muito intolerante com as limitações da velhice. Até o próprio idoso não aceita as mudanças impostas pela idade e busca, a qualquer custo, esconder as marcas do tempo. Em decorrência, aumenta a busca por cirurgias reparadoras, cremes rejuvenescedores, pílulas restauradoras, tinturas e maquiagem para manter a aparência de juventude.

A educação dos povos deve se voltar para a condição humana. As escolas deveriam incluir em seus currículos práticas educativas, nas quais os saberes trabalhados permitiriam às pessoas de qualquer cultura ser compreensivas, solidárias e tolerantes com os outros e consigo mesmas. E assim, também aceitariam as incertezas, as limitações, encontrando os valores e a beleza em todas as fases da vida. “A consciência de ser solidários com a vida e a morte (...) une os humanos uns aos outros”.¹²⁰

O idoso indígena Pataxó também sofre com as perdas da idade, pois já não tem as forças e agilidades necessárias para acompanhar os jovens nas atividades laborais. Entretanto, arriscamos ponderar que sofre menos que o não indígena, pois passa a ocupar outras funções muito importantes.

Essas funções têm como requisitos a idade e a sabedoria acumulada sobre a identidade de seu povo. Essas são as credenciais, dentro da reserva, para o aconselhamento, a transmissão da cultura oral ou a mediação de conflitos.

Os mais velhos da comunidade contam com um valor especial por serem os fios condutores da cultura, dos vocábulos da língua indígena, dos costumes, dos rituais. Destes, o pajé é o líder religioso que oralmente transmite os conhecimentos de seu povo para os mais jovens.

As pessoas idosas, então, são resgatadas e respeitadas por sua sabedoria diante das inquietudes dos mais jovens, são consultadas enquanto líderes sobre as

¹²⁰MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários a Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez, 2000. p. 93.

mais variadas situações políticas e estruturais. São ouvidas enquanto experientes guardiãs das tradições de seu povo.

A administradora da Associação da Reserva de Coroa Vermelha é uma chefe que pode ser idosa ou não. O cacique é escolhido e fica enquanto durar “em bom trabalho”, isto é, enquanto a maioria dos indígenas da reserva julgar que o cacique escolhido está desempenhando bem o seu papel. Junto com os jovens, os idosos Pataxó desempenham papéis de dirigentes da aldeia. Para o conselho há representantes de todos os segmentos jovens, adultos e idosos. Podemos perceber que na estruturação hierárquica desse povo há um espaço destinado ao seu idoso, ainda que sem um sistema formal e rígido, escrito e impositivo como o decorrente de nossas leis protetoras .

Sentimos que há um “Estatuto” que não precisou passar pelos nossos processos formais de construção dos direitos. Consuetudinariamente, os comportamentos se repetem burilados pelos novos tempos e, conseqüentemente, pelas novas relações interpessoais.

Embora a idade cronológica não seja um bom critério para marcar o começo da velhice, entre os indígenas e, também entre os indígenas Pataxó, há a crença de que a partir dos 40 anos, o membro da tribo já viveu o suficiente para ter adquirido conhecimento e sabedoria que lhe permite orientar e aconselhar os mais jovens e lhes transmitir os valores culturais da tribo.

Nesta transmissão, os idosos são auxiliados por professores indígenas, mais novos, contratados pelo poder público. Nessas aulas, os relatos são registros escritos por autores indígenas Pataxó, que falam das dificuldades que enfrentam na defesa do pouco território que ainda lhes resta, e sobre os seus hábitos e costumes do passado e do presente.

Essas informações são reforçadas na escola da reserva, pois há material escrito pelos alunos e livros de autores indígenas. Estes falam sobre a formação das aldeias, as dificuldades, os hábitos e costumes não mais praticados e os praticados atualmente por adultos, jovens e crianças. Nessa mesma esteira, foi implantado a LINTER – Licenciatura Intercultural Indígena, no Instituto de Educação Tecnológica da Bahia – IFBA.

Nos jogos do povo Pataxó, realizados na Reserva de Coroa Vermelha, com a participação de várias outras etnias indígenas, é indispensável a participação dos idosos, que são tratados de forma diferenciada, não no sentido de discriminação

mas de valorização. Os atletas prestam homenagem aos cinco idosos mais velhos, e este é um momento muito especial nesse evento.

Posicionados no meio de uma grande roda, os idosos são saudados com música, dança e poesia. Uma das atletas interpreta uma canção e salienta a importância do “velho”, ressaltando que “a cultura está no sangue, no coração. A cultura está no peito de quem escuta esta canção...”¹²¹ São os “velhos” que têm o papel importante de transmitir oralmente a cultura indígena para as novas gerações.

Ao contrário de nossa cultura não indígena, não necessitam buscar novas terminologias para definir a “velhice”, pois convivem com naturalidade com o que deve ser natural, da natureza, da nossa biogênese. Por isso, se referem ao “velho” sem nenhum preconceito ou forma pejorativa e discriminatória.

A melhor comprovação dessa leitura é locupletada com depoimentos que retratam que a troca de informação, o ritual, os costumes, a convivência com os “velhos” é – nas palavras da língua Pataxó – “admirável na nossa cultura”. “São eles que têm o maior conhecimento e suas experiências valem muito para os jovens indígenas”, salientou o vice-cacique, Tapurumã Pataxó, da Aldeia Velha, em seu discurso, no qual saudou as outras tribos participantes dos rituais festivos anuais.

Ao avaliar as políticas públicas representadas pelo Estatuto do Idoso (Lei de nº. 10.741, de 1º/10/2003), bem como o Estatuto do Índio (Lei nº. 6.001, de 19/12/1973), e ao ler os relatos de idosos transcritos por Rocha¹²², parece haver a comprovação de que o legal está muito distante do real, não só no que diz respeito ao cumprimento dos deveres do Estado, da comunidade e da família com a maioria das pessoas idosas indígenas e não indígenas, como também em relação à retomada pacífica dessa relação em vários povos do mundo.

Cuidando do aspecto da legislação vigente, indígenas e não indígenas têm os mesmos direitos. No entanto, a maior ênfase Pataxó desses direitos, que pudemos observar e constatar, se reporta ao direito previdenciário. Há dentro da reserva Pataxó, por parte do idoso, “toda” uma expectativa em torno da aposentadoria. Eles se sentem felizes e amparados em ter tal recurso, embora, em similaridade com o

¹²¹ Juliana Santana fez questão de saudar os homenageados, interpretando a canção “Meu Paraíso”, cuja letra diz: “A cultura está no sangue, no coração. A cultura está no peito de quem escuta esta canção...”

<http://www.seriea.com.br/tag/jogos-indigenas>. Acesso em 20/06/2010.

¹²² ROCHA, Irlândia M. S. N. C. **Memória, Espaço Asilar e Representações**. Um estudo sobre narrativas de idosos. Vitória da Conquista-Bahia: Edições Uesb, 2010. 131p.

comportamento entre não indígenas, também se queixem da exploração dos mais novos que querem usufruir do benefício do idoso.

Quanto à preservação da dignidade do idoso, respeito aos seus valores étnicos, religiosos e culturais e o fomento ao exercício da cidadania nos moldes estabelecidos nos artigos 2º e 3º pelo Estatuto do Idoso, há necessidade de uma política de esclarecimento e atendimento. Consta na Lei 6.001, de 19 de dezembro de 1973, denominada de Estatuto do Índio, nos Artigos 1º e 54, diz que:

Aos índios e às comunidades indígenas se estende a proteção das leis do País, nos mesmos termos em que se aplicam aos demais brasileiros, resguardados os usos, costumes e tradições indígenas, bem como as condições peculiares reconhecidas nesta Lei. Os índios têm direito aos meios de proteção à saúde facultados à comunhão nacional. Na infância, na maternidade, na doença e na velhice, deve ser assegurada ao silvícola, especial assistência dos poderes públicos, em estabelecimentos a esse fim destinados.

Na Aldeia e na Reserva de Coroa Vermelha não se tem nenhum registro de projeto ligado à terceira idade, seja de ordem preventiva ou curativa. Não há nada em relação a lazer, saúde e conscientização dos direitos dos idosos. Se, por um lado, essa comunidade indígena parece conviver bem com seus “velhos”, de outro, o poder público tem contribuído mais de forma legislativa do que operacional.

As novas tecnologias têm contribuído favoravelmente na qualidade de vida do idoso. Entretanto, na reserva, não há o uso de novas tecnologias para melhorar de forma significativa a vida da pessoa idosa.

Em que medida, efetivamente, o Estatuto do Idoso trouxe e assegurou mudanças de relações, protegendo e beneficiando a pessoa idosa no âmbito das reservas indígenas?

Não foi possível nas limitações dessa pesquisa averiguar até que ponto o idoso Pataxó tem conhecimento de seus direitos, no que diz respeito ao atendimento diferenciado e preferencial, em Instituições Públicas e Privadas, na isenção de pagamento nos transportes urbanos e interestaduais, no lazer, na saúde, na segurança, na proteção familiar dentre outros direitos.

Pesquisas com estas poderiam ser o início de ações contributivas para a melhoria na condição de envelhecimento do indígena Pataxó no cenário da reserva de Coroa Vermelha.

Espera-se ter apresentado dados que interessem aos pesquisadores da área, para que estudem as condições do idoso indígena Pataxó e as possibilidades que podem ser oferecidas pela família, pelas comunidades e pelo Estado, as quais estão asseguradas por políticas públicas muitas vezes desconhecidas.

“O mundo dos velhos, de todos os velhos é de modo mais ou menos intenso, o mundo da memória. (...) Além dos afetos que alimentamos, a nossa riqueza são os pensamentos que pensamos, as ações que cumprimos, as lembranças que conservamos e não deixamos apagar e das quais somos o único guardião”.¹²³

Interrompemos assim essas considerações com a mesma inquietude que nos moveu para essa pesquisa: Quais ações e propostas poderiam ser trabalhadas para a melhoria na condição de envelhecimento do indígena Pataxó no cenário da reserva de Coroa Vermelha?

A partir dos resultados encontrados, percebemos nas conversas com os Pataxó, como é possível lidar com naturalidade com a questão do envelhecimento. Identificamos que para eles o poder público e suas políticas são insignificantes, exceto no que diz respeito à aposentadoria.

Apesar da inatividade do Poder-Estado que tem agido de maneira antagônica às leis que cria, parece que para o indígena Pataxó considerar ou desconsiderar esses direitos não irá modificar a sua qualidade de envelhecimento, porque ainda têm que transpor um desafio maior que é a luta pelo espaço geográfico (demarcação de suas terras) e a preservação de sua cultura para que os mais jovens cheguem a se tornar “velhos”.

¹²³ROCHA, Irlândia M. S. N. C. **Memória, Espaço Asilar e Representações**. Um estudo sobre narrativas de idosos. Vitória da Conquista-Bahia: Edições Uesb, 2010. p.69.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Ednalva Padre. **A presença indígena no planalto da Conquista**. Vitória da Conquista, UESB, 2000.

ALVES, Rubem. **Gaiolas e Asas**. *Folha de São Paulo*, 08/12/2001.

_____. **Sobre o tempo e a eternidade**. 3.ed. Campinas: Speculum, 1996.

ALMEIDA, Thiago. **Amor e Sexo após os 60 anos: Utopia ou Realidade**. 2002. Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/7187/1/Acesso> em 10/06/2010. www.thiagodealmeida.com.br. acesso em 21/05/2010.

ANAI. Associação Nacional de Ação Indigenista . Uma História de Resistência. ANAI/CESE/MEC, 2007 . Página 7.

ARIÈS, Phillippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1978.

A Política Nacional do **Idoso**: um Brasil para todas as idades. 6 ago. 2009 http://www.sintrafesc.org.br/view_artigo.php?id=2255 . Acesso em 20/07/2010

BARBOSA, L. **Igualdade e Meritocracia**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

_____. **Atenção ao Idoso: Um Problema de Saúde Pública e de Enfermagem**. Conferência realizada na Escola de Enfermagem Anna Nery. Rio de Janeiro: 1994.

BARROS, Myriam Lins de. Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice. **Perspectivas Antropológicas da Mulher**. n.2, 1981.

_____. **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 69-84.

BASSIT, Ana Zahira. O curso de vida como perspectiva de análise do envelhecimento na pós-modernidade. In: DEBERT, Guita Grin; GOLDSTEIN, D. **Políticas do corpo e o curso da vida**. São Paulo: Mandarim, 2000, p. 217-234.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. Tradução de: La vieillesse. Paris: Gallimard, 1990, 711p.

_____. **A velhice**. A realidade incômoda. Tradução de Heloisa de Lima Dantas. São Paulo: Difusão Européia do Livro 1970. Tradução de: Lavieillesse. Paris. Gallimard, 1990, 313.p.

_____ **A velhice**. As relações com o mundo. Tradução de Heloisa de Lima Dantas. São Paulo: Difusão Européia do Livro 1970.340.p.

BENJAMIM, Walter. **O narrador**. In: Obras Escolhidas, magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BERGER e LUCKMANN, Peter e Thomás. **A Construção social da realidade**. 17. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

BILAC, Olavo. In: **Velhas Árvores**. Disponível em: <http://www.textolivre.com.br/ensaios/17968-a-mulher-de-meia-idade-e-aspectos-da-corporeidade-parte-4>. Acesso em 10.10.2010.

BOBBIO, Norberto. **Elogio da serenidade e outros escritos morais**. Tradução Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Unesp, 2002.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**. 4. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1998.

BRASIL. **Constituição Federativa do**. 1988.

_____ **CÓDIGO CIVIL**. Lei 10.406, de 10 de janeiro de 2002. (atualizado)

_____ **CÓDIGO PENAL**. Legislação. Decreto-Lei nº. 2.848, de 07.12.1940.

_____ Ministério da Justiça, Secretaria dos Direitos Humanos Política Nacional do Idoso. **Lei 8.842**. Brasília: SDH, 1998.

_____ **ESTATUTO DO IDOSO**. Lei 10.741/2003.

_____ **ESTATUTO DO ÍNDIO**. Lei nº.6.001/1973.

_____ **Lei nº. 11.326**, de 24 de julho de 2006.

_____ Ministério da Saúde. **Organização Pan-Americana de Saúde**

BRASIL. **Diversidade das Sociedades Indígenas** - Ministério da Justiça. 2003. portal.mj.gov.br/.../MJA63EBC0EITEMIDFA0430E7648D419180475685478. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/indios/conteudo.htm>. Acesso em 03/09/2010.

JUNG Carl Gustav – Wikipédia - “**Jung: vida e obra**”, publicado em primeira ... http://pt.wikipedia.org/wiki/Carl_Gustav_Jung Acesso em 07/07/2010.

CARNEIRO e COSTA, C. B. L. e B. L. D. OPAS/OMS. **Exclusão social e políticas públicas**: algumas reflexões a partir das experiências descritas no programa gestão pública e cidadania. Cadernos de Gestão Pública e Cidadania

COHN, C. **A criança indígena: a concepção Xikrin de infância e aprendizado**. Dissertação de Mestrado. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2000.

_____ **Índios missionários:** cultos protestantes entre os Xikrin do Bacajá. *Revista Campos* 1. Curitiba, UFPR, Departamento de Antropologia, 200

CUNHA, Edite da P.; CUNHA, Eleonora Schettini M. **As políticas sociais no contexto das políticas públicas.** 2005. Disponível em: <http://www.eproinfo.mec.gov.br/Mod80500/texto1.pdf>.

DAL RIO, M. C. Trabalho voluntário como promoção da integração social do idoso. **Terceira idade.** São Paulo: Sesc, n.13, v.24, p57-72,2002.

DA MATTA R. **Relativizando: Uma Introdução à Antropologia Social.** 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

_____ **Carnavais, Malandros e Heróis.** Para além de um Estatuto: Direitos e Obrigações de Velhos Indígenas Para uma sociologia do dilema brasileiro.6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DEBERT, Guita G. **A reinvenção da velhice.** São Paulo: Edusp, 1999.

_____ **Família, classe social e etnicidade:** um balanço da bibliografia sobre a experiência de envelhecimento. *BIB*, Rio de Janeiro, n.33, 1992, p.33-49.

DEMO. Pedro. **Política social, educação e cidadania.** 4. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1988. 124 pp.

DOS SANTOS e TORRES-MORALES, Scheila e Ofélia Elisa. Idosos Indígenas e Comunicação: olhares e aproximações. http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/5/5c/Idosos_Indigenas.pdf. Disponível em: <<http://www.funai.gov.br>>. Acesso em 25/6/2010.

DUARTE, M.J.R.S. **Internação Institucional do Idoso:** Assistência à Saúde em Geriatria no Setor Público. Tese de Doutorado em Saúde Pública, ENSP Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro: 1991.

FEATHERSTONE, M. e HEPWORTH LEIBING in: DOURADO, Annette e Márcia. **A velhice e suas representações:** implicações para uma intervenção psicanalítica. Disponível: <http://www.revispsi.uerj.br/v2n2/artigos/artigo4.html>. Acesso em 07/2010. Aceito para publicação em 26/09/2002.

FERRIGNO, J. C. **O estigma da velhice:** uma análise do preconceito aos velhos à luz das idéias de Erving Gofman. *Terceira Idade.* São Paulo: SESC, n.13, p. 48-56, 2002.

FRENTE DE RESISTÊNCIA E LUTA PATAXÓ. Frente de Resistência denuncia: **Veracel e Aracruz Celulose são invasoras de terra Pataxó no extremo sul da Bahia.** Monte Pascoal (BA), 26 de maio de 2003.

Fundação das Assistências Sociais Eclesiásticas – FASE *et alli.* **Carta de Porto Seguro.** 2003.

GROISMAN, Daniel. **Velhice e história: perspectivas teóricas**. CADERNOS DO IPUB, V1, Nº 10, 2. Ed. Rio de Janeiro: UFRJ. p. 43-56. 19

_____ **A velhice, entre o normal e o patológico**. História, Ciências, Saúde. Manguinhos, Rio de Janeiro, vol. 9 (1):61-78, jan. abr. 2002.

HOPEWELL, Peter. *Cruz de Saint: O almshouse o mais velho de Inglaterra*, Chichester: Phillimore, 1995.

IBGE: População de **idosos** deve chegar a **32 milhões** até **2025** no ... 30 jul. 2009 ... <http://www.sindifarmajp.com.br/noticias>. Acesso em 22/06/2010

LIMA, M. Sc. Maria Auxiliadora V. P. **Corporeidade e envelhecimento**. As diversas faces do corpo quando envelhece. 2008. Disponível em: www.univag.com.br/adm_univag/Modulos/Connectionline/Downloads/art046.pdf. Acesso 23/05/2010.

LOUREIRO, Altair Macedo Lahud. **A velhice, o tempo e a morte**. Brasília: UNB, 1998.

LUFT, Lya. **Canção na Plenitude. Secreta Mirada**. São Paulo: Mandarin, 1997, pág. 151.

MARÉS, C. F. **O direito envergonhado: o direito e os índios no Brasil**. In: Grupioni, L.D.B. (org.). *Índios no Brasil*. São Paulo, SMC, 1992.

MATSUDO, S. M. M. **Envelhecimento e atividade física**. Londrina, Midiograf, 2001.

_____ **Avaliação do Idoso: física e funcional**. Londrina, Midiograf, 2001.

_____ **Atividade física na terceira idade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2001.

MEIRELES, *Cecília*. **A velhice pede desculpas**. In: *Poemas*, 1958.

MEIRELLES, Morgana. **Atividade Física na 3ª Idade**. Rio de Janeiro: Sprint, 2000.

MENDES, GUSMÃO, FARO e LEITE, Márcia R.S.S. Barbosa, Josiane Lima de, Ana Cristina Mancussi e Rita de Cássia Burgos de O. **A situação social do idoso no Brasil: uma breve consideração**. Artigo de Atualização Artigo recebido em 07/12/04 e aprovado em 23/02/05.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Viver bem e melhor: guia completo para você melhorar sua qualidade de vida**. 2 ed. Ministério da Saúde: Brasília, 2000.

MIRANDA, Sarah Siqueira de. **A Construção da Identidade Pataxó**: práticas e significados da experiência cotidiana entre crianças da Coroa Vermelha. Monografia apresentada ao Departamento de Antropologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador: 2006. p. 23-24.

MORAGAS, Ricardo. **Gerontologia social: envelhecimento e qualidade de vida**. São Paulo: Paulinas, 1997.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **O homem e a morte**. Rio de Janeiro, Imago, 1997, p.320.

NUNES, RAMOS e CHAVES. Márcia Batista Gil, Cileia do Nascimento Silva, Mauro & Maria Yvone, **Estudo das políticas de proteção às pessoas da terceira idade no Brasil**, 2003. Disponível: <http://direitodoidoso.braslink.com/01/artigo011.html>. Acesso em 26 de junho de 2010.

OLIVEIRA FILHO, J. P. de (Org.). **A viagem da volta. Etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1999.

PASCHOAL, Guto. **Anciãos transmitem cultura indígena**. SBPC/ labjor Brasil, 2002. Disponível: <http://www.comciencia.br>. Acesso em 25 de junho de 2010.

PEIXOTO, Clarice (1988). *Entre o Estigma e a compaixão*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2006. 23 p.

PIKUNAS, J. **Desenvolvimento humano: uma ciência emergente**. São Paulo, 1979.

PRADO, Shirley Donizete; TAVARES, Elda Lima. Alimentação saudável na terceira idade. In: ASSUERO, Luiz Saldanha; CALDAS, Célia Pereira. (Org.). **Saúde do idoso: a arte de cuidar**. 2 ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2004. p. 88-95.

_____. Shirley Donizete; TAVARES, Elda Lima; VEGGI, Alessandra Bento. Nutrição e saúde no processo de envelhecimento. In: VERAS, Renato Peixoto. (Org.). **Terceira idade: alternativas para uma sociedade em transição**. Rio de Janeiro, 1999. p. 125-136

_____. Shirley Donizete. **O curso da vida, o envelhecimento humano e o futuro**. Disponível em: <http://revista.unati.uerj.br>. Disponível em: <http://www.portaldoenvelhecimento.org.br/acervo/artieop/Geral/artigo50.htm>. Acesso em 23/05/2010.

PORTO, Mayla. **Anciãos transmitem cultura indígena**. 2002. Disponível em: <http://www.comciencia.br>. Acesso em 25 de junho de 2010.

PORTO, Mayla. **A Política Nacional do Idoso: um Brasil para todas as idades**. Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/envelhecimento/texto/creditos.htm>. Acesso em 28/09/2010

RASERA, Emerson F. GUANAES, Carla e JAPUR, Marisa. **Psicologia, Ciência e Construcionismos: Dando Sentido ao Self**. Psicologia: Reflexão e Crítica, 2004, 17(2), p. 162. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v17n2/22468.pdf>. Acesso em 10/06/2010.

RedeTV! Em rede com você | Índio **Galdino: morte** do líder indígena ... 27 maio 2010 ... Índio **Galdino: morte** do líder indígena não foi em vão – Parte
<http://www.redetv.com/video.aspx?138,54,111625> Acesso em 20/06/2010

RIBEIRO, Darcy. **O índio e a civilização. A integração das populações indígenas no Brasil moderno**. 6. ed. Petrópolis, Vozes, 1993.

ROCHA, Irlândia M. S. N. C. **Memória, Espaço Asilar e Representações**. Um estudo sobre narrativas de idosos. Vitória da Conquista-Bahia: Edições UESB, 2010. 131p.

ROSA, M. **Psicologia Evolutiva**. Petrópolis: Vozes, 1983.

ROTHMAN, David J. (Editor). **A experiência do Almshouse**, em série *Pobreza EUA: O registro histórico, 1971*. ISBN 0405030924

RUIZ, Elena Isabel González. PSICOLOGIA, **Família Cristã**, Ano 43, 2000. 493, p. 21.

SALGADO, M. A. Um resgate histórico da gerontologia e do trabalho social com idoso no Brasil. **Terceira Idade**. São Paulo: Sesc, n.11, v.22, p. 78-80, 2000.

SAMPAIO, José Augusto. **Efeitos da fábrica nova da Veracel e da ampliação em 30% da área plantada com eucalipto no Extremo Sul da Bahia para as comunidades indígenas locais**. Salvador: e-mail enviado pela rede da Associação Nacional de Ação Indigenista. ANAIND. 1996.

DOS SANTOS, Scheila. TORRES, Ofélia e MORALES, Elisa. **Idosos Indígenas e Comunicação: olhares e aproximações**. Disponível em: http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/5/5c/Idosos_Indigenas.pdf. Acesso em 25/6/2010.

SANTOS, Silvana Sidney Costa. **Gerontologia e os pressupostos de Morin**. Tese de Doutorado defendida em 2003 na UFSC. p. 8.

SFEZ, Lucien. **A saúde perfeita: crítica de uma nova utopia**. SÃO PAULO: Loyola, 1996.

SILVA, Washington Luiz Alves da. **Os índios no Brasil: A origem dos povos americanos**. GeoMundo 2004. Disponível em: <http://www.geomundo.com.br/mato-grosso-do-sul-50124.htm>. Acesso em: 22/06/2010.

SILVA e Silva Júnior, Anna Cruz de Araújo Pereira da e Paulo Isan Coimbra da. **Para Além De Um Estatuto: Direitos e Obrigações de Velhos Indígenas**

SIMÕES, Regina. **Corporeidade e terceira idade: a marginalização do corpo idoso**. 1998. 128p. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba

SOUZA, Solange Bertozzi de (1998). **Lazer, terceira idade e sua mútua relação.** Conexões, 1(1), 39-48. Disponível em: www.polaris.bc.unicamp.br/seer/feff/include/getdoc.php?id...43. Acesso em 28/09/2010.

STRECK, Gisela I. W. LAUX, Núbia M. (Coord.). **Manual de normas para trabalhos científicos: baseado nas normas da ABNT.** 2. ed. rev. e atual. São Leopoldo: EST/ISM, 2009.

ANEXOS

ANEXO A

ROTEIRO PARA OBSERVAÇÃO E COLETA DE DADOS SOBRE OS IDOSOS INDÍGENAS NA RESERVA DE COROA VERMELHA EM PORTO SEGURO

OBJETIVOS: Colher dados que possam compor um trabalho de término de curso sobre o tema o idoso indígena a ser apresentado

ATIVIDADES PREPARATÓRIAS:

Solicitação de autorização junto aos dirigentes da reserva de Coroa Vermelha em Porto Seguro

Preparação de ficha de observação e de coleta de dados

Recursos: correspondência solicitando autorização, fichas, máquina fotográfica, caneta e papel sulfite para anotações:

- 1. LOCALIZAÇÃO DA RESERVA:**
- 2. POPULAÇÃO DA RESERVA:**
- 3. ETNIA:**
- 4. LINGUA FALADA:**
- 5. ADMINISTRAÇÃO DA RESERVA :**
- 6. FORMAS DE TOMADAS DE DECISÕES:**
- 7. ATIVIDADES LABORAIS ATIVIDADES CULTURAIS E DE LAZER:**
- 8. UM POUCO DA HISTÓRIA DESSE POVO: (Forma de transmissão)**
- 9. CONDIÇÕES DA RESERVA;**
- 10. TIPO DE CASAS (Materiais, cômodos, portas entre os aposentos, água, luz sanitário, esgoto, facilidades para a locomoção do idoso etc.) RUAS E PRAÇAS (Pavimentação, esgoto, iluminação, segurança para os idosos _ interna e externa). ESCOLAS POSTOS DE SAÚDE**

11. **PRESENÇA DE TECNOLOGIA:** TV, rádio, telefone, fogão a gás, internet antenas parabólicas, carros)
12. **POPULAÇÃO FEMININA COM MAIS DE SESSENTA ANOS**
13. **POPULAÇÃO MASCULINA COM MAIS DE SESSENTA E CINCO ANOS**

ANEXO B

1. **FICHA QUESTIONÁRIO INDIVIDUAL INDIO IDOSO: XXXXXXXXXXXX**
IDADE:
2. **MORA SOZINHO: (para respostas negativas)**
3. **MORA COM QUEM?**
4. **PARTICIPA DAS DECISÕES NA RESERVA? De que forma?**
5. **COMO SE SENTE EM RELAÇÃO AOS MAIS JOVENS?**
6. **PARTICIPA DE QUAIS ATIVIDADES CULTURAIS DENTRO DA RESERVA?**
7. **DE QUAIS ATIVIDADES NÃO PARTICIPA POR SER IDOSO?**
8. **SOFRE DE ALGUMA DOENÇA? _____ QUAL?**
9. **QUANDO ADOECE PROCURA OS POSTOS DE SAÚDE?**
10. **EM CASO POSITIVO, COMO É ATENDIDO? SE NÃO PROCURA OS POSTOS DE SAÚDE, O QUE FAZ QUANDO ADOECE? PARTICIPA DE CAMPANHAS DE VACINAÇÃO?**
11. **RECEBE ALGUM BENEFÍCIO DO GOVERNO POR SER IDOSO?**
12. **QUAL E DESDE QUANDO?**
13. **OS MAIS VELHOS QUE FICAM SEM OS PARENTES MAIS PRÓXIMOS COMO SÃO ASSISTIDOS NA RESERVA?**